

Stadium

N.º 77 X 24 DE MAIO DE 1944

Na final do campeonato nacional de juniores

Os jovens jogadores mostraram que sabem jogar como os «ases»... O instantâneo foca uma valente defesa de Armindo, «keeper» dos campeões, auxiliado por um «back» e carregado pelo avançado centro nortenho

(foto: Nunes de Almeida)



«Meia-final» disputada com a idéia na «final»

O valor dos dois encontros — Uma referência ao Setúbal-Algarve

por TAVARES DA SILVA

CHEGAMOS ao fim da *Taca de Portugal*, o último torneio da cadeia de campeonatos. A época fecha. Com o findar do corrente mês encerra-se, oficial e obrigatoriamente, a época da bola.

É a primeira vez que a época fecha tão cedo e o *defeso* se alarga. Noutros tempos, os jogadores quasi que não descansavam. Por via de concessões, os dois meses de repouso eram simplesmente reduzidos. Sem dúvida, isso causava mal ao futebol português. Sentindo a ameaça, fomos dos que nos batemos pelo cumprimento integral do *defeso* e seu alargamento. Três meses, de 1 de Junho a 31 de Agosto, não nos parece demasiada para jogadores que não têm suficiente preparação física e que se dão generosamente ao jogo, com todas as energias, com todas as forças e vibração.

Esta 2.^a mão das meias-finais não despertou o mais leve interesse. Os *teams* apresentavam-se em campo por obrigação do regulamento da prova, e mais nada. Tendo a sua posição a coberto com cinco boias, como é que era possível fazer passar ao Benfica, ou ao Estoril Praia, uma hora e meia de tragédia? Modificar as coisas, nem falar nisso, impossível. O Estoril estava, então, nas condições ideais, pois lhe compelia prestar as honras da casa. Mesmo o Benfica deslocou-se ao Fontelo sem qualquer apreensões. O seu adversário já não tinha esperanças. Porque não as podia ter.

O problema na entrada da *final* estava resolvido. Era um dos casos em que, verdadeiramente, se podia dizer que a *aficção* não tinha afeições. Assim quis o destino. Na época passada, este torneio disputou-se num ápice, vivendo a *aficção* agarrada às suas surpresas, paredes meias com a sorte e o agrado. Logo, este ano, em obediência ao imperativo de ordem financeira tudo se modificou, regressando-se à fórmula das duas mãos, para protecção, no fundo, das grandes potências futebolísticas. Ora, por ironia, a 2.^a mão, já no limiar da *final*, não deve ter rendido boa subsistência, embora Viseu tenha esgotado a lotação. E a jornada teve todo o aspecto de despesa inútil. Um apêndice que bem poderia ser cortado, numa operação limpa.

A *final* vai disputar-se entre dois clubes da Associação de Lisboa: o Benfica, de tão brilhante tradição, e o Estoril Praia que começa a forjar a sua. O resultado? Ai está matéria para o que se prendem, por ofício ou mero prazer, em abstrações de ordem futebolística. A verdade é que, inclinando-se a balança um bocadinho mais a favor do Benfica, não seria escandalosa uma vitória do Estoril Praia, a verificar-se. Tanto poderá ganhar um como outro. Eis o segredo do êxito desta *final*. Como de todas as *finals*.

No estádio do Fontelo (um campo da província, agora, ocasionalmente aproveitado mas que bem poderia, uma vez por outra, ser teatro das melhores evoluções futebolísticas) o Benfica e a Académica aproveitaram, mais ou menos, as suas linhas habituais. Um desfoque importante: a ausência de Alberto Gomes. Digam-se desde já que os estudantes de Coimbra fizeram novamente o seu jogo, isto é, se deram à luta com o fogo e a febre de sempre, como se entre o seu *team* e do adversário não mediasse uma distância intransponível. A Académica começou a desenvolver o seu jogo rasteiro, mais pelas pontas do que pelo meio do terreno, dada a inclinação dos seus interiores para este sistema.

A organização da *defesa* do Benfica, que chega ao fim da época em plena forma e consistência, fracas à fulgurante subida de César Ferreira, cumprindo inteiramente nestes primeiros arranques, permitindo que o clube lisboeta ligasse os seus movimentos de modo a, como é

de uso, passar do aspecto defensivo para o ofensivo ger-l. Ainda por cima, a linha de ataque benfiquense sabia muito bem que podia jogar com toda a serenidade, permitindo-se ao prazer de umas quantas jogadas escusadas, em benefício da formosura futbolística, posto que em prejuízo da eficiência do jogo. Certo, a Académica não perdeu aquilo que costumamos designar por *sentimento das oportunidades*, e que marca esta coisa, importante, dum clube não se deixar dominar pelo outro, em termos de só poder ser dominado. Assim se justifica uma primeira parte sem *goals*. No segundo tempo, a Académica abriu com um *goal*, e seguiu jogando com essa vantagem menor (a vantagem grande já o Benfica tinha conquistado) quasi



até o fim, à altura do empate. É justo afirmar que os avançados lisboetas desenvolveram lances do mais belo efeito, não terminados praticamente. Em qualquer dos grupos, as duas linhas médias alimentaram do princípio ao fim o fogo sagrado, com um entusiasmo palpante. Enfim, o estádio do Fontelo conseguiu ver uma luta de qualidade. Com a vibração dos grandes acontecimentos.

O Estoril Praia, na luta vertiginosa de êxitos em que se encontra, e na qual não nos p rece justo esquecer o seu orientador, Augusto Silva, um *internacional* de pura cepa, não chegou a intimidar-se com o esforço, e vá lá, entusiasmo que os representantes de Guimarães, por certo resolvidos a morrer com honra, puseram na luta e na sua primeira fase.

Esse período terminou, mesmo, com a marcação da primeira bola do Estoril, abrindo decididamente o caminho de mais um triunfo para o representante de Lisboa.

Basta dizer que, no intervalo, o resultado estava feito, e nada faria mudar a face das coisas. O Estoril ganhava nessa altura por 3-0. Não sendo, portanto, de estranhar o *jogo desinteressado* da segunda parte. Mesmo porque o

Estoril deu repouso a algumas das suas melhores unidades, o que nos diz que esse clube, ainda nas meias-finais, já estava a pensar na *final* em concentração de esforço e orientação.

Quando o Vitória marcou o seu ponto de honra, na parte inicial do segundo tempo, o feito não adiantou nem tirou nada ao caso. Para cumulo, a *lei das lesões*, tão implacável, chegou a reduzir o conjunto de Guimarães a nove elementos. Todas estas circunstâncias unidas permitiram que o Estoril Praia fizesse um dos encontros mais *repousados* da sua carreira.

Realizou-se, no passado domingo, no campo dos Arcos (Setúbal) um encontro entre as Associações de Setúbal e do Alentejo.

Setúbal: José Ribeiro (União Almadense); Pedro Lino (Unidos) e Pascoal (Barreirense); Ramos, Pina (Unidos) e Ba tos (Onze Unidos); José Luiz, João da Palma, Galinheiro (Unidos), Custódio e Caminhos (Onze Unidos).

Algarve: Laurindo (Lusitano); João Rodrigues e Nunes; Santos, Grazina e Loulé; Catarina (Farense), Paulo, Carrito (Lusitano) Salvador e Palmeiro. Todos os jogadores sem indicação de clube são do Olhanense.

Repare-se na configuração do *team* da Associação de Setúbal, que reflecte a medida imposta ao Vitória, provando ao mesmo tempo que o Barreiro continua a ser um dos grandes viveiros do futebol português. Por aquele motivo, o resultado de 5-1 favorável a Setúbal deve encarar-se como um resultado desastroso para as cores algarvias, com base no Olhanense. Ao mesmo tempo, isso confirma o *abaixamento de forma* operado no conhecido clube de Olhão. Não poderia a Associação do Algarve ter aproveitado a oportunidade para lançar na liça novos valores, dando-lhes o necessário calo da luta e um incentivo benéfico? Seja como for, não há dúvida que Setúbal revelou ascendente e superioridade. Na segunda parte, mesmo, o chamado domínio completo. Eis, em traços gerais, o movimento da bola no passado domingo.

Os júniores do Benfica são campeões nacionais

QUATRO desafios, apenas, bastaram para que a equipa de júniores do Benfica se adjudicasse mais um título conquistado com inteiro brilhantismo. É curioso, e interessante, em todos os aspectos, a carreira destes «ases» de amanhã: durante o campeonato regional, tanto na fase de aplainamento como na competição final, não conheceram a derrota; e vieram para o torneio maior com disposição idêntica... Empates com o Sporting — nas duas fases do «regional» — e com o Unidos do Barreiro, campeão de Setúbal, em Vila Franca de Xira, serviram-lhes, simplesmente, para os contrariar um pouco. Mas, no resto, foram triunfos sobre triunfos. É realmente bonito — e merece assinalar-se.

A carreira dos novos campeões, somente no que respeita ao torneio principal, cifra-se nos resultados seguintes:

Unidos do Barreiro 4-4 e 2-0 (desempate); Atlético Marinhense, 6-0; F. C. do Porto, 3-1. No total: 15-5. Mas os portugueses — cujo «team» agradou plenamente — tiveram também carreira brilhante: triunfadores, cem por cento, na competição regional, e com vitórias sobre o Académico de Viseu (3-1) e Sporting de Espinho (2-0) na prova máximas. Perder um jogo — e então decisivo — não d'ulstru ninguém, — e o F. C. do Porto foi, realmente, um visitante bem vencido.

A partida final, disputada no estádio «José Manuel Soares» em Belém sob a arbitragem do combricense Vasco At íde, foi presenciada por numerosa assistência e constituiu, na realidade, espectáculo de muito agrado. Chegou-se ao intervalo com 1-1 (resultado absolutamente certo) e só na segunda parte os benfiquenses, mais decididos no ataque, puderam concretizar a sua superioridade técnica: que, em verdade os portugueses só se inferiorizaram a partir do 1-2, pois até aí jogaram de igual para igual. Mas o desafio era em Lisboa, sobre terreno relvado, e para mais contra o Benfica... J. M.

A ÉPOCA DE REMO começou por... não começar...

A primeira prova a sério da época de remo devia ter-se efectuado no passado dia 7. Motivos de ordem vária, que nada acrescentam à gloriola da modalidade, fizeram-na adiar para catorze.

Mas em catorze, motivos de vária ordem impediram a sua efectivação... Podemos assim dizer que a temporada de remo começou... por não começar... Não se julgue que pretendemos fazer espírito, ou tampouco embrenhar-nos nos domínios das palavras cruzadas. Pelo contrário: lamentamos francamente que o remo, modalidade magnífica, que devia ser praticada por toda a mocidade, sofra tratos de polé e encontre entraves de toda a ordem para a devida e necessária expansão.

Se fossemos escarpelizar as razões que obstaram à realização do «Dia do principiante», cairíamos na confrangedora realidade de que só os regulamentos — os duros, rígidos e intangíveis regulamentos... — seriam os culpados de terem ficado em branco dois admiráveis domingos para competições! Evidentemente que os regulamentos são feitos por homens e por eles utilizados. Não somos, digamos desde já, contra as leis ou regulamentos, que ditam ordem, estabelecem disciplina e marcam o caminho certo a seguir. Mas insurgimo-nos contra a rigidez com que são quasi sempre interpretados. Entendemos que um regulamento tem de ser flexível, maleável, sem que isto altere a sua essência. Não se confunda essa flexibilidade com a necessidade de achar uma porta falsa, para conseguir determinados objectivos, — mas somente para permitir mais largo campo de acção, para se agir sem preocupações de forma ou espantilho que estranguela.

Nos regulamentos que regem o remo não haverá, pois, elasticidade? Claro que há! Quem se debruça sobre os seus artigos e parágrafos, quem os decora sofredamente — é que não o permite. A sua sensibilidade retrai-se só de pensar que, em certos casos, teria de proceder de maneira diferente da que está rigidamente posta no livrinho cheirando a bafio, a velharias, a bota de elastico...

A única verdade, mesmo sem regulamentos e sem «elasticidade», continua a ser esta: o remo começou por... não começar!...

...mas começou...

DISPUTARAM-SE no domingo, sob organização da Associação Naval de Lisboa, os campeonatos regionais de «fundos» (5,000 metros).

Levou tempo a aparecer a primeira prova oficial da época. E vamos que nada há a censurar à organização. Certa e certa atmosfera esteve em risco de impedir as corridas de «shell», mas afinal o programa cumpriu-se à risca.

De lamentar, apenas, que não se consigam reunir duas centenas — ao menos uma — de assistentes às regatas! As entidades interessadas fazem pouca propaganda, mas, verdade seja, também «acertaram» obstáculos de vária ordem, um deles — e para citar um — o facto do remo não deixar qualquer margem lucrativa...

Em Portugal convencionou-se chamar pobres a uns quantos desportos, convencionalismo que não faz mal a ninguém, mas que é um índice pouco favorável de uma mentalidade, ou, se preferirmos, de um estado de espírito...

Pois, de acordo com esse convencionalismo grotesco, encontraremos de certo o remo catalogado como o mais pobre de todos e o mais desprotegido da sorte...

Em contrapartida, éle é um dos mais ricos de beleza desportiva, de beleza estética. Recolhem-se atitudes únicas de grandiosidade extraordinária.

Nas regatas de domingo, a Associação Naval ganhou duas das três provas disputadas. «Balanço» excelente para «velharias»...

Não estiveram presentes os remadores setebalenses e foi pena. Contamos vê-los nos regionais de velocidade, no próximo dia 11.

A «Taça General Raúl Esteves», para a prova de «out-riggers» de 4, foi ganha pelo Grupo Desportivo da C. P., com sete comprimentos sobre a Associação.

Os vencedores confirmaram a «classe» que começou a tomar forma há 2 anos. Ritmo de remada rijo, com a melhor uniformidade. Campeões sem discussão, com o título de velocidade também à vista e com indiscutíveis possibilidades nos «Nacionais».

A regata de «yolles» de 4 foi renhíidissima, resolvendo-se nos últimos metros. A Associação Naval (B) ganhou por meio comprimento ao Grupo Desportivo da C. U. F. (A), e este marcou mais dois comprimentos sobre a tripulação B.

Boa vitória da A. N. L. que revelou conjunto muito apreciável. Os seus adversários também são para temer — e, se juntarem à força um pouco mais de técnica, darão que falar.

O Campeonato de Lisboa de 1944 Analisado pelo presidente da A. H. L.

SÃO felizes as direcções de qualquer organismo cujas vidas decorrerem sem história, sem polémicas nem incidentes; foi feliz — e bem o mereceu — a gerência de Aníbal Marques, na Associação de Handball de Lisboa, levando a bom termo uma prova de campeonato unanimemente reconhecida excelente, desenvolvendo o progresso da modalidade e colhendo resultados favoráveis em todas as empresas a que se abalçou.

Pertencemos ao número daquelas pessoas que não acreditam na «sorte em sessão permanente»; a sorte é uma manifestação epifânica, demasiado caprichosa, para se afirmar com regular continuidade. Portanto, o trabalho feliz de meses continuados pode ser bafejado pela sorte — mas não podem ser de exclusiva consequência da sorte todos os seus resultados.

Isto vem a propósito para fundamentar a afirmação — que os factos demonstram — do óptimo trabalho desempenhado pela direcção da A. H. L., que teve a chefia — um homem com tradições na vida passada do «handball» e reuniu um aglomerado de vontades competentes, onde todas, por igual, cumpriram a sua missão. Como somos, em regra, o primeiro a criticar erros e deficiências, apaz-nos ser também o primeiro a dispensar o merecido louvor.

O campeonato regional, que terminou há uma semana, foi digno de apreciação além do comentário periódico às suas sucessivas jornadas; mais nos pareceu de oportunidade, antes da revista técnica que lhe consagraremos, colher da boca de um dirigente a sua análise geral. E este dirigente não podia deixar de ser Aníbal Marques.

O presidente da Associação mostra-se plenamente satisfeito:

— Já o Torneio de Abertura — diz-nos ele — dera seguros indícios da subida do valor técnico do nosso handball, mas, no decurso do campeonato, foi em crescendo de interesse, porque as equipas concorrentes se animaram do melhor espírito desportivo, com tendência para o nivelamento de idades e consequente maior emoção nas partidas disputadas. O exemplo retrospectivo dá-nos, claramente, que os títulos ficaram legitimamente atribuídos aos melhores, mas há é favor dizer-se também que, entre os grupos classificados nos lugares de honra, alguns mostraram capacidade para poderem, também, ser legítimos campeões.

— Como decorreu a acção directiva durante a prova?

— Facilitada ao máximo pela íntima colaboração de todos, pelo apoio dos clubes e pelo comportamento dos jogadores. Com grande satisfação, verifico que o número e gravidade dos castigos aplicados este ano foram muito inferiores aos das épocas precedentes, o que atribuo à obra disciplinar das gerências respectivas e ao esforço criterioso dos árbitros. A Comissão de Árbitros actual, orientada com segurança por Roldão Andrade e valorizada pelos conhecimentos de Costa Almeida e Carlos Lancelotti — a par da Comissão Técnica — uma das nossas mais preciosas auxiliares. Não posso deixar sem relevo, a importância das reuniões em que foram discutidos problemas regulamentares e assentes critérios de interpretação, às quais atribuo a melhor influência no aperfeiçoamento dos nossos juizes de campo.

A última regata, de «yolles» de 8, disputaram-na a A. N. L. e o Clube Naval de Lisboa. Conjuntos muito equilibrados, que durante o percurso usufruíram de vantagem alterada. A 50 metros da meta, viam-se iguais. O Clube Naval arranco primeiro, a A. N. L. suportou o ataque e por seu turno «embarcou» irresistivelmente, para ganhar por um comprimento. Alargou-se-nos que o C. N. L. atacou cedo de mais, atendendo à capacidade de resistência dos remadores, apenas com três treinos de conjunto. O seu comportamento foi no entanto magnífico. É triplação a cultivar. Sobretudo, precisa verificar o estilo de remada. Porque força há!...

Os vencedores agradaram-nos sem reservas. O final, então, foi esplêndido de confiança nos recursos próprios. E agora, até 11 de Junho, aos regionais de velocidade. Nessas regatas, deve comparecer um competidor novo, o Estoril Praia, que no sábado se filiou na Federação Portuguesa de Remo.

Que seja bem vindo!

— O campeonato trouxe-lhe quaisquer indícios para o futuro?

— Algumas, de facto. A tentativa de organização dos jogos com a entrada paga, indispensável fonte de receita para o empreendimento de iniciativas em prol da expansão do «handball», corria spondeu francamente à nossa expectativa. O público da modalidade é escasso e é preciso promover a maior propaganda para o desenvolver. Verifica-se, no entanto, que o número de jogadores inscritos aumenta, atingindo quasi 250; a inclusão do «handball» no programa de actividade da «Mocidade Portuguesa» também é motivo para melhor confiança do futuro.

— Projectos? — perguntamos por fim.

— Está em curso o primeiro, a disputa da taça «Tomé Feteira», em moldes que provoquem a máxima propaganda na modalidade, espalhando os jogos pelas localidades dos arredores de Lisboa; depois, o campeonato de juniores e um festival de encerramento da época para entrega das taças e medalha aos vencedores do campeonato. A maior distância, com vistas já para a próxima temporada, a disputa dos troféus oferecidos pelo sr. ministro da Alemanha, que se encontram em poder do Sporting, e que não faremos por agora em virtude de obrigarmos a concorrentes à apresentação de duas categorias se a eliminação da inferior implicar a desclassificação da principal.

RUGBY

O Atlético perdeu o último jogo mas já era campeão de Lisboa

QUEM entrasse, desprevenido dos acontecimentos, no domingo à tarde, no campo das Salésias, ficaria surpreendido: a ampla bancada estava repleta de espectadores, que enchiam ainda os camarotes e os bancos vizinhos da pista. No camarote de honra encontrava-se o sr. Director Geral de Educação Física e Desportos. Ambiente de entusiasmo, animação dos grandes dias, clamores de incitamento e aplausos frequentes.

Tudo isto — motivado por um encontro de «rugby»!

O desafio entre o Belenenses, campeão da época passada, e o Atlético, que entrava em campo já campeão de 1944, ainda que nada influísse na classificação dos contendores, suscitou o maior interesse entre os partidários dos dois clubes e os amadores da modalidade. Deve de lembrar-se, em abertura de comentários, que a pugna correspondeu à expectativa e o comportamento dos jogadores serviu o prestígio do «rugby», porque todos foram leais, lutaram com ardor e deliciaríamos dar clareza às jogadas.

Falariamos à verdade dizendo que foi uma boa partida sob o ponto de vista técnico; mas não é favor afirmar que foi a melhor que presenciámos nesta temporada, dando-nos, a espaços, jogadas bem urdidas, intervenções oportunas e tentativas de ataques à mão.

O Belenenses venceu por 5-3, a diferença de uma transformação, e mereceu ganhar; entre os avançados a batalha foi equilibrada, melhores os do Atlético nos lançamentos de linha e nas formações, superiores os «cazuis» no jogo aberto e na organização de alguns «drillings» grupados; mas a linha de três quartos belenense mostrou sempre melhor sentido de ataque e o seu defesa foi o melhor jogador no terreno, seguríssimo a encaixar a bola, decidido a contra-atacar e com bom pontapé à linha que soube sempre aplicar antes de ser bloqueado.

Os três quartos atléticos «peca» pela morosidade em arrancar; a bola percorre toda a linha sem que haja progresso de meia dúzia de metros, porque todos esperam, parados, pela bola correr em vitez e abusam da passagem às mãos ambas com os braços levantados por cima da cabeça, o que obriga a travar a corrida e demora o lance da bola.

As melhores fases, aquelas em que realmente se apercebeu possibilidade de perigo, nasce-

O GIMNÁSIO CLUBE PORTUGUÊS

promoveu a VI Semana de Ginástica

PARA a expansão e propagação das práticas da ginástica tem sido factor de grande influência o crescente apreço do público pelos espectáculos onde se apresentam classes educativas; foi assim que se despertou o sentimento de interesse por essas manifestações, mostrando-lhes a beleza dinâmica e a arte das atitudes, arrastando na corrente do favor popular o estímulo indispensável ao afluxo dos praticantes.

Assente esta base, é de elementar justiça render homenagem à acção predominante do Ginásio Clube Português, cuja inicia-



mento desde que se eliminem das sessões públicas os exercícios obrigatórios que, por serem repetidos tantas vezes quantos os concorrentes, se tornam monótonos e fatigantes para a atenção dos espectadores; finalmente os concursos infantis, dentro dos moldes actuais, são absolutamente reprováveis e foram motivo de apresentações acrobáticas e exageros que a mais elementar análise condena, por serem anti-pedagógicos e anti-fisiológicos.

A ginástica em Portugal está, ou deveria estar, integralmente subordinada aos preceitos do método adoptado pela única escola existente no país — o Instituto Nacional de Educação Física; é paradoxal que cada um possa ensinar o que lhe apetece e como lhe apetece, com vistas em exhibições para «épater le bourgeois», menos prezando para

(Continúa na pág. 7)

tiva da organização dos Concursos de Ginástica foi o foco de onde irradiou toda a divulgação posterior. Após três anos de esforços, quando a paixão deturpou as intenções primitivas, estragando-lhe a obra sem responsabilidade própria, o Ginásio teve ainda a virtude de não desanimar ante as dificuldades, esforçando-se por torná-las para salvar a sua iniciativa.

É possível, parece mesmo certo pela experiência de alguns anos, que a solução adoptada não tenha sido a melhor; a culpa cabe inteiramente à orientação metodológica, com a agravante de persistir em erros averiguados, mas a essência, o espírito intencional, têm muito mais de bom e merece a colaboração que, no melhor dos seus aspectos, lhes mantiveram o público e os organismos praticantes da educação física.

Dentro do programa que ocupou as cinco sessões da Semana de 1944, em tudo semelhante ao dos anos precedentes, há a considerar três parcelas, que não podem ser apreciadas em comum o concurso de ginástica educativa para meninas e rapazes, o concurso de ginástica olímpica para homens e as demonstrações por classes de todas as categorias.

A apresentação de classes é o elemento de maior agrado, aquêle verdadeiramente eficaz na propagação e útil nos ensinamentos; o concurso de olímpica, fundamentalmente justificável, tem completo cabi-



1 — A classe de meninas do Lisboa Ginásio; 2 — A classe de rapazes do Ginásio Clube; 3 — Um exercício na apresentação da classe de senhoras do Ginásio Clube; 4 — Os ginastas da F. N. A. T. em acção; 5 — A classe de senhoras do Lisboa Ginásio

(fotos Nunes de Almeida)

Esgrima

Taça "ANTONIO BAYARD"

Os concorrentes ao torneio de espada organizado pelo Hockey Clube, em homenagem a um dos seus mais dedicados elementos. A partir da esquerda: C. Dias, R. Worm, J. Oom e J. Nogueira (equipa do Ginásio); M. Silva, J. Cruz, A. Bayard e F. Pereira (equipa do Hockey); e A. Almeida, E. Lino, J. M. e Castro e H. Santos (equipa da Sala C. Gonçalves). A prova, a que faremos referência no nosso próximo número, foi ganha pela equipa nomeada em último lugar



Vela

No jantar anual dos velejadores, efectuado na passada semana, que se caracterizou pelo espirito de camaradagem e que teve a brilhante presença de algumas gentis senhoras

UM EXEMPLO

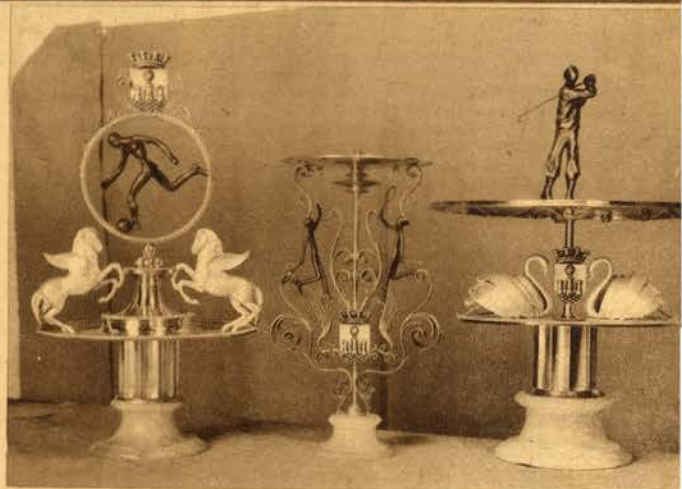
O município da Beira instituiu seis artísticos e valiosos trofeus para galardoar os desportistas daquela cidade do Portugal africano

"STADIUM" volta hoje a ocupar-se da actividade desportiva dos portugueses nas nossas colónias. Ainda há pouco tivemos a agradável oportunidade de fazer referência aos magníficos cursos de ginástica do Liceu de Salvador Correia, de Luanda, e já nova notícia, esta dizendo respeito à cidade da Beira, nos oferece o ensejo de exaltarmos a acção dos portugueses de além-mar.

A nossa revista tem o prazer de informar, em primeira mão, que a Câmara Municipal da Beira, querendo por qualquer forma estimular e premiar a actividade dos desportistas daquela importante cidade, instituiu seis artísticos trofeus, que são também valiosos, pois o seu custo orçou em mais dos trinta contos!

É digna de realce a iniciativa do município daquela cidade africana, já pelo que encerra no seu magnífico significado, já pelo que tem de contraste com o que se passa na metrópole...

Os seis trofeus a que nos referimos foram encomendados a um fabricante do continente por intermédio do sr. engenheiro Sousa Martins, conhecido desportista portuense, antigo praticante e hoje prestigioso dirigente, que só pela



sua admirável obra no Feminino Atlético Club merece lugar de relevo na vida do desporto português. Foi mercê da sua gentileza que conseguimos obter as «fotos» que publicamos e pudemos colher os elementos para esta informação, dias antes dos prémios seguirem o seu destino...

Como o leitor facilmente verificará, todos os trofeus obedecem a um desenho original, que os tornam diferentes daqueles que vulgarmente costumam fazer-se.

Os seis trofeus destinam-se a premiar os praticantes das seguintes modalidades: «hockey» em campo, «basketball», «cricket», futebol, «golf» e «ténis». O desenho dos dois primeiros pertence ao escultor sr. Arlindo Rocha, e o dos restantes ao pintor sr. António Cruz, aos quais apresentámos as nossas felicitações pelos seus curiosos trabalhos, perenes de originalidade e de valor artístico inegável. Fugindo à banalidade da taça, género «copo», sobre pedestal inestético, aqueles distintos artistas portuenses souberam criar um modelo diferente para cada trofeu, sob motivos da especialidade a que cada um se destina. Estamos certos, por isso, que vão causar grande sucesso na cidade da Beira. Os desportistas moçambicanos daquela cidade estão de parabéns.

Repetimos: é de exaltar a iniciativa da Câmara Municipal da Beira, exemplo vivo do esforço dos bons portugueses de além-mar, que procuram, longe da metrópole, engrandecer o nosso nome, sob as facetas mais variadas da actividade humana. E entre estas, a do desporto está a merecer referência especial — e chega mesmo para servir de exemplo aos continentais... — E. S.



«Não é possível a introdução eficiente da educação física no meio universitário sem uma reforma de ensino que assegure os meios de lhe dar cumprimento»

declara o Dr. Maximino Correia

REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A academia coimbrã, de tão notáveis tradições na vida intelectual portuguesa, tem sido o único centro universitário onde existiu sempre uma organização definida das práticas desportivas, que nalgumas modalidades coloca os representantes da «Briosa» a par dos melhores núcleos e valores nacionais.

Não se pode afirmar categoricamente que a educação física dos alunos esteja já orientada, como as circunstâncias exigem, para os melhores resultados gerais no sector propriamente educativo, mas reconhece-se com justiça a existência de um espírito especial, favorável às práticas dos exercícios físicos, claramente entusiasta sob determinado aspecto e onde, portanto, com maior facilidade será possível instalar os alicerces de uma obra reformadora, no sentido que os interesses da juventude universitária impõem.

O depoimento que apresentamos hoje, neste nosso inquérito sobre a Campanha Nacional de Educação Física da «Mocidade Portuguesa», é dos mais importantes e dignos de ponderação; as respostas que nos foram dadas gentilmente enviadas pelo ilustre Reitor da Universidade de Coimbra, professor dr. Maximino Correia, encerram o precioso conceito de profunda análise, por um espírito esclarecido e observador, aos exemplos de uma experiência de longos anos nos assuntos versados e no meio referido.

Aos quesitos apresentados pela «Stadium», por intermédio do sr. dr. Domingues Rebelo, delegado provincial da «M. P.», a quem testemunhamos o nosso muito apreço pela sua colaboração, respondeu o professor Maximino Correia concisa e claramente, focando os assuntos em questão no ambiente devido, que conhece como poucos.

A organização da educação física universitária, sendo um problema cuja solução se liga fortemente aos destinos da juventude académica, não conseguiu ainda, apesar de esforços insistentes e tentativas reiteradas, cumprimento cabal e satisfatório. Porquê?

As declarações que se seguem, redigidas com pleno conhecimento de causa pelo sr. Reitor da Universidade de Coimbra, ajudam com certeza a desvendar uma parte desta incógnita.

—Qual a vossa opinião acerca da campanha que se está desenvolvendo por iniciativa da «M. P.»? Quais são, de entre os seus objectivos, os que considera mais interessantes e que resultados antevê do empreendimento?

—Tudo o que contribua para tornar conhecido um problema é já contribuir para a sua solução. A questão da educação física em Portugal pode dizer-se que está muito longe da sua resolução prática e que importa lançar os fundamentos com solidez, para a acção educativa poder exercer-se com utilidade. A campanha da «M. P.» deverá pois ter como resultado tornar conhecidas, pelo público em geral, as vantagens da educação física e chamar os jovens à sua prática, onde quer que eles se eduquem e encontrem.

—Vem já de longe a acção da «M. P.» na educação física da juventude — e esta campanha é apenas uma seqüência de acção. Que conceito forma V. Ex.ª sobre a sua orientação e resultado práticos? Quais os ensinamentos que a experiência trouxe, com vistas à continuação da obra?

—Não conheço com minúcia a organização da educação física da «M. P.», mas, pelo que tenho visto, lido e ouvido, julgo que a obra que se está já a executar, há alguns anos, tem o mais alto interesse. A ginástica, o campismo, a natação, os desportos náuticos, são excelentes meios, a um tempo, de disciplina e de revigoramento físico. Impõe-se pois o seu desenvolvimento e uma organização completa que estenda os seus benefícios a todo o País.

—Como desenvolver a influência organizadora da «M. P.» no meio universitário, no que diz respeito à educação física, tanto ginástica como desportiva?

—Julgo que só as entidades oficiais com disposições legais, e as responsabilidades e encargos inerentes, poderão resolver essa parte do problema. Embora a «M. P.» seja um organismo oficial e tenha já realizado obra de vulto, a acção no meio universitário ainda se não fez sentir como seria para de-sejar naturalmente por carência de meios de acção.

«Mas a introdução da educação física no meio universitário é, antes de tudo, um problema que tem de ser visto em conjunto com o resto das formas de educação e instrução. Isto é, de nada vale organizar em todos os pormenores um programa de educação física completo, mesmo perfeito, se não se atender à educação moral e cívica e à instrução que os estudantes procuram no meio universitário.

«Um programa de educação física desarticulado dos outros sectores está irremediavelmente condenado a fracassar, por não ser possível cumpri-lo. Basta citar a impossibilidade de alguns alunos de certos cursos têm de obter «tempo» para se dedicarem a qualquer tarefa além das aulas.

«Os programas dos cursos, ou terão de ser simplificados — o que nem sempre é aconselhável — ou a duração dos mesmos» alongada, por forma a não esmagar a juventude com os deveres escolares, não lhes dando tempo para se dedicarem a quaisquer exercícios físicos. Em resumo: julgo que não será possível a introdução da educação física, com a eficiência desejada, no meio universitário, sem estarem assegurados os meios, por uma reforma do ensino superior, de lhe dar cabal cumprimento.

—Considera vantajosa a independência do desporto universitário e escolar — ob a égide da «M. P.», ou entende ser preferível o regime existente, de mistura com a organização clubista?

—Em tese, parece-me preferível subordinar toda a educação física e desportiva, nas universidades, a um organismo oficial, que pode muito bem ser a «Mocidade Portuguesa». O meu ponto de vista, porém, é o da organização e da eficiência dessa organização. Os estudantes, com razões ponderáveis, é possível que tenham outra opinião e, como Reitor, não posso deixar de encerrar também os pontos de vista que me forem apresentados pelos estudantes. A organização desportiva da Associação Académica creio que não pode, inteiramente, chamar-se uma organização clubista.

—Sendo a Universidade de Coimbra aquela onde mais se destacou a prática desportiva, sobretudo por intermédio do futebol, em que situação figura a educação física dos estudantes e qual o papel que atribui no seu desenvolvimento à «Mocidade Portuguesa»?

—É certo que os estudantes de Coimbra têm, por vezes, brilhado numa prática desportiva — o futebol. Isto, que tem contribuído para o entusiasmo por essa forma de desporto, julgo que tem um reverso deplorável, qual seja o de relegar para lugar secundaríssimo as outras formas de educação física e desportiva. Deno-

Notas da semana

APARECEM, por vezes, actos com o valor de símbolos. A «performance» de António Pereira, no sarau comemorativo das «Bodas de Ouro» do olimpismo moderno, teve esse significado. Com cinquenta e tal anos, ergueu ainda os pés com estilo. Mas a sua proeza valeu sobretudo como reacção contra o abandono a que se votou essa modalidade desportiva. Foi um grande atleta. Lutou contra a massa inerte dos atletas, arguendo-os vi orioamente — mas lutou também contra o destroço dos anos!

JA foram comentados nestas colunas os campeonatos nacionais de ciclismo na categoria de independentes. Para aqui, queremos apenas pôr em relevo o bom comportamento dos corredores do norte. Depois de largo período de franca supremacia do sul, os norteños reagiram e, se não venceram, marcaram com o brilhantismo do seu valor. Vitor Alves! durante a sua recente estada no Porto, fez boa propaganda em prol da organização do Porto-Lisboa, no habitual percurso entre as duas capitais. O bom comportamento dos corredores portugueses nos campeonatos nacionais — é mais um argumento a favor da tradicional prova de estrada. Mãos à obra!

RECOMEÇARAM as sessões de «boxing» em Lisboa. Podem não ser perfeitas, mas é com elas que se anima o pugilismo. Registamos o facto com agrado. E desejamos que os pugilistas e organizadores saibam merecer a estima do público, como condição primordial para a propaganda e expansão da nobre arte. Sem combates e sem público — não se faz nada.

O Lisboa Gimnásio festejou com brilhantismo as suas «bodas de prata». Promoveu uma sessão solene e um sarau. As suas instalações, ampliadas e melhoradas recentemente, tiveram agora como que a sua inauguração oficial. Assim, o Lisboa Gimnásio continua a ser um clube em franco progresso. E é digno dos melhores elogios pelo entusiasmo com que se dedica à propaganda da educação física.

O Gimnásio Clube Português não deixou de organizar este ano a sua tradicional «Semana de Ginásticas». É a quarta da série. Mantem-se, assim, a seqüência de uma iniciativa com larga repercussão na propaganda e expansão da ginmástica.

HÁ quem não concorde com os banquetes e com os jantares de confraternização. Mas não há dúvida de que são em geral excelentes manifestações da camaradagem. O jantar anual é um exemplo sugestivo. Ano a ano, os velejadores reúnem em agape animado. Revêem e recordam provas que passaram — e discutem por vezes projectos que se transformam em iniciativas coroadas de êxito.

dados esforços têm, entretanto, sido despendidos para valorizar as outras formas de desporto, e justo é lembrar e render as devidas homenagens a Sua Excelência o sr. Ministro da Educação Nacional, em quem tanto o Reitor da Universidade como os académicos têm encontrado o mais decidido apoio moral e material para levar a bom termo essa indispensável obra.

«Creou-se uma secção de ginmástica e atletismo, para cuja direcção foi contratado um técnico competente. Tem-se procurado dar desenvolvimento a outras formas desportivas, como a natação, o «basketball», o «hockey» em patins e em campo, o «tennis», etc. Infelizmente, porém, o entusiasmo por estas formas de desporto está muito longe de reunir o mesmo número de prosélitos que o futebol arrasta. Há que fazer uma propaganda sistemática, aturada, pela escrita, pela conferência e pelos «filmes», por todas as formas, enfim, para corrigir este estado de coisas que, a meu vêr, tem os maiores inconvenientes.»

SALAZAR CABREIRA



Dr. Maximino Correia

Os primeiros trofeus do Benfica

ATLETISMO—Internacional e Benfica voltaram a organizar torneios de propaganda, entre sócios. Nesses últimos «cerimónias» creditaram-se vencedores:

No «Clube Carlos Vilela», 80 metros em 10 s.; Eduardo Gomes, 150 metros em 15 s.; Artur Caldas, 700 metros em 2 m. 3 s. 7/10; José Carriho, 2.000 metros em 7 m. 0 s. 9/10; Vilela, João Arranha e Gomes, 3.000 metros em 31 s.; Jean Rogegnon, disco com 35 m. 60 e péso com 11,75; e Borges Neves, altura com 1,25 e comprimento com 2,40.

No Benfica—António Correia, 80 metros em 7 s. 4/10; Miguel Andrade, 250 metros em 34 s.; Ferreira da Silva, 700 metros em 1 m. 50 s.; Jorge Fraga, 200 metros em 6 m. 46 s.; Jorge Noronha, altura com 1,60 e disco com 27,75; Américo Fiuza, comprimento com 5,07; Artur Dias, 200 metros (extra) em 31 s. 9/10; e Willy Montalvão, péso com 12,45.

HANDBALL—As equipas da Beira Litoral, em luta com as do Alto Alentejo, conquistaram os títulos de campeões nacionais da «M. P.», séries A e B.

CICLISMO—Os campeonatos do Porto, em velocidade, foram ganhos por Azeiteiro (independente), Osofre Tavares e José Morales (amadores seniores e júniores) e Joaquim Sá (iniciados). Todos os vencedores são do F. C. do Porto.

FUTEBOL—Os grupos da «M. P.» representativos do Douro Litoral (Porto) conquistaram os títulos de campeões nacionais nas séries A e B.

HANDBALL—O jogo de desempate para apuramento do campeão de 2.ª categoria terminou com a vitória do Sporting sobre os Unidos por 4-2. A exibição das duas equipas, excessivamente preocupadas pelo resultado, foi fraca.

—Nos quartos de final do torneio para a Taça Tomé Feteira verificaram-se os seguintes resultados: «Os Treze»-Benfica, 5-3; Sporting-Internacional, 11-1; Belenenses-Unidos, 3-2; Marvilense-Estoril, 6-2.

A competição, disputada a eliminar, tem flui de propaganda, motivo porque os dois últimos encontros se realizaram na Trafaria.

HITISMO—Nas últimas seis corridas da «Retiúda da Primavera», ficaram vencedores: F. Lima, no «Outeiro»; Guedes Campos, no «Cidade»; Joviano Ramos, no «Martens»; J. Falcão, no «Shepherd»; Abrantes Silva, no «Batefaca»; e Pim na de Gama, no «Olho de Vidro».

HOCKEY EM CAMPO—Na primeira jornada da segunda volta do campeonato lisboense verificaram-se dois empates: Futebol Benfica-Hockey, 2-2; Atlético-Belenenses, 0-0.

TIRO AO ALVO—Dionísio Magro e o Benfica foram os vencedores, individual e colectivamente, da prova «Cidade Invicta», patrocinada pelo nosso colega «Diário de Notícias».

TIRO A CHUMBO—Albano Pinto Basto conquistou, no torneio de Madrid e em competição com três atrizes, o título de campeão de Espanha.

—A equipa portuguesa ganhou o «match» com a Espanha (por três pontos de vantagem!) no torneio de Madrid.

VELA—Francisco Andrade e Carlos Lourenço ganharam a regata de «Sharpies» de 12,00 para a taça «Com. Soares de Oliveira», uma organização da «Moidade Portuguesa» de colaboração com a «Brigada Naval».

VOLLEYBALL—Princípio o campeonato de Lisboa na Divisão de Honra, com os clubes separados em duas séries, para seletar a conclusão da prova. Na série A, o Benfica venceu o Nacional de Natação nas três categorias, por 15-7, 15-1; 15-12, 15-1; 15-9, 15-0, em 1.ª, 2.ª e 3.ª. O Belenense e o Técnico jogaram nas Salésias, na 5.ª-feira à noite. Na série B, Internacional-Sporting, 17-15, 15-17, 15-17, 15-5; 15-9, 15-15, 21-18 e Parede-Promotora, 15-4, 15-3; 15-12, 15-10; 15-4, 15-2.

—Três equipas da Extremadura (cadetes vanguardistas e infantis) são campeãs nacionais da «M. P.».

WATER-POLO—Começou em Alge e Dafundo um torneio da especialidade, inter-sócios, consequência da campanha do «Ornamento» que «Stadista» empenhou há tempos neste sentido. O torneio continua amanhã.

A VI SEMANA DE GIMNÁSTICA

(Conclusão da pág. 4)

isso as conveniências educativas dos executantes e a aplicação doutrinária dos exercícios.

Pode defender-se o princípio da liberdade de método no ensino particular, mas mesmo aqueles que pensem assim, não poderão negar a necessidade mínima de uma fiscalização superior, que assegure a propriedade de interpretação do método—seja ele qual for—relativamente à idade e condições fisiológicas dos praticantes.

As classes que se exibiram

Foram catorze as classes que se apresentaram em lições de ginmástica, das quais seis de senhoras, cinco infantis e três de homens, todas na generalidade de maneira satisfatória.

Tratando-se de simples demonstrações de trabalho, não se justificam quaisquer comentários sobre valor relativo, que despertariam um espírito de competição insistente. Porém, assim entendemos, as nossas apreciações se resumem, para cada caso, a ligeiras referências de mérito abso.

O Ginásio Clube Português, como é lógico, foi a agremiação com maior presença; seis classes, dirigidas todas pelo professor Schwartz, foram o seu contributo para a própria organização.

As senhoras executaram dois esquemas: o primeiro, de ginmástica rítmica, já visto, monótono no ritmo e na habitual repetição dos exercícios, nada acrescentou às tradições da classe; o segundo, de ginmástica educativa, foi muito superior ao alcançado brilhantemente na parte dos exercícios na dupla tarefa, executados com grande correcção e em vistosas combinações.

Nenhuma das classes infantis conseguiu agradar-nos: a classe mista voltou a repetir a série de exercícios mal definidos e sem uma atitude correctiva, compassada pelo mestre, que de um aparelho se rrecidido; a classe de meninas, mais graciosas, porque as alunas eram mínimas, seguiu o mesmo exemplo, com idênticos reparos.

O «Sport Lisboa e Benfica», semanário do popular clube do mesmo nome lançou a público, num dos seus últimos números, uma ideia curiosa e oportuna — a ideia de homenagear a equipa que deu ao clube o primeiro trofeu. E iniciou a constituição do grupo que obteve esse prémio, pela sua vitória contra os mestres ingleses de Carcavelos.

A iniciativa mereceu os melhores elogios e é digna de completo êxito. Formulamos, desde já os nossos votos nesse sentido. É dever de justiça e prova de gratidão recordar, com saudade, quem primeiro se sacrificou por uma ideia ou por um clube. Parece-nos, porém, haver lapso na indicação relativa à equipa vencedora, e pode havê-lo no que respeita aos primeiros prémios que entraram no clube. Dada a nossa contribuição para a «História do Futebol em Portugal», não fica mal juntar algumas notas.

A primeira vitória foi então Sport Lisboa, contra o Carcavelos Club, correspondente ao jogo disputado em 10 de Fevereiro de 1907. A data indicada pelo «Sport Lisboa e Benfica» está, pois, certa. E anda na tradição do clube que o entusiasmo provocado por este triunfo está documentado, na lenda e valia sua galeria de taças e trofeus com o «Bronze Bernardino Costa». Este bronze artístico foi prometido ao Sport Lisboa por António Bernardino da Costa, falecido comerciante de antiguidades em Belém, se o clube ganhasse o desafio contra o Carcavelos. Não foi posto em luta e tre os dois adversários, mas sim ofendido pelo pai de um jogador do grupo, António Costa. As nossas informações coincidem, portanto.

Segundo os apontamentos de que nos servimos para a respectiva anotação na «História do Futebol», o «bronze» vencedor, conforme crónica publicada em «Os Sports» da época, alinhou com esta constituição: Manuel Mora; Henrique Costa e Emílio de Carvalho; Fortunato Levy (capitão), António Couto e Artur dos Santos; Manuel Costa, António R. da Rodrigues, Daniel Queiroz dos Santos, Cândido Rosa Rodrigues e David da Fonseca. O jogador indicado com o nome de Artur dos Santos devia ser o falecido Albano d. Santos. A dívida imita-se, na prática, a Manuel Costa. Seria António Costa, a quem nos referimos como filho do ofertante do «Bronze Bernardino Costa»? É de admitir que o engano incidisse e penas no nome próprio. Cosme Damião, cuja actividade desportiva e dirigente esteve ligada ao Benfica durante muitos anos, e que conserva esplêndida memória, admite, pelo contrário que tenha jogado Carlos França. António Costa era então muito novo, e Carlos França pertencia ao pri-

meiro grupo, jogando habitualmente à esquerda mas alinhando também à direita.

Os jogadores que representaram o Sport Lisboa na disputa do «Bronze Viúva Alexandre Sena», em 1906, eram, pela sua ordem: Mora, Cosme Damião e Emílio de Carvalho; Albano dos Santos, António Couto e Fortunato Levy; Silvestre da Silva, Cândido R. da Rodrigues, Daniel Queiroz dos Santos, António Rosa Rodrigues e Carlos França. A diferença é, portanto, pequena.

O «Sport Lisboa e Benfica» indica, porém, o seguinte «bronze»: Alfredo Machado; Henrique Costa e Francisco Belas; Carlos Homem de Figueiredo, Cosme Damião e Artur José Pereira; António Costa, Luiz Vieira, José Domingos Fernandes Germano de Vasconcelos e Vergílio Paula. Este grupo corresponde, pelas notas, ao «bronze» representativo do clube no campeonato nacional de 1910/1911.

Devemos acrescentar, ainda, que os primeiros trofeus ganhos, em disputa, pelo Sport Lisboa, de que tinham conhecimento, foram os prémios oferecidos pelo Internacional, em 1907, para um torneio de segundas categorias, e outro de terceiros. Tiveram ambos a final em 24 de Março; em segundas, o Sport Lisboa venceu o Cruz Negra, por 5-2; em terceiros, o Sport Lisboa bateu o mesmo clube, por 4-0.

Também Cosme Damião considera estes os primeiros trofeus ganhos pelo clube em campo. Recordam-se que os dois prémios desapareceram da sede do clube, quando funcionou no largo do Carmo. E lembra-se de que um dos «bronzes» representava uma florista...

O «Bronze Bernardino Costa», se, como julgamos, foi oferecido para prémio da vitória de 10 de Fevereiro de 1907, é o primeiro trofeu, pela ordem cronológica. Mas sendo assim — a equipa foi outra.

MÁRIO DE OLIVEIRA

RUGBY

(Conclusão da pág. 3)

ram de intercepções ou da captação da bola em pantafes para a frente, dados pelo adversário. Notámos, com prazer, que os jogadores se buicados ligavam em regra a bola, mas houve ainda quem, no seguimento desta jogada, a fosse apinhar do solo, esquecendo a regra formal que obriga a tocar-lhe primeiro com o pé.

As deslocações puníveis sucederam-se, de um lado e do outro, a cada passo. Infelizmente, só em escassa minoria foram punidas como convinha, porque o árbitro foi nitidamente insuficiente na sua acção, imparcial e bem intencionado, mas de escassa visão e moderada autoridade.

O outro encontro da jornada não se disputou, porque nem o Estoril nem o Benfica compareceram em campo. Efeitos, por certo, do adiamento da temporada e da má classificação respectiva.

Ficou, assim, liquidado o campeonato regional que será talvez o ponto de partida para o resurgimento do «rugby» lisboeta e cujo epílogo natural vai ser hoje o banquete de homenagem, oferecido pelo Atlético aos seus jogadores campeões.

simplicidade eficiente sem prejuízo de efeito espectacular.

A Federação Nacional para a Alegria no Trabalho concorreu com duas classes de senhoras, a dos Armazens Grandela, dirigida pelo tenente Marques Pereira, a qual não desmentiu os nossos prognósticos de há outras vezes; e a da Fábrica «Nally» e Empresa de Fiação de Benfica, comandada pelo professor Maria de Lourdes Tainha, igualmente muito regular e correcta na sua apresentação.

Também a classe de homens da Fábrica Portugal, a cargo do professor F. Gascon, se houve com grande apuro e deu prova de notável aproveitamento.

Para completar o rol listamos a classe dos Sapateiros B. Monteiro, confiada ao professor Robalo Grueira; a apresentação, prejudicada pelo acaloramento do ritmo de execução, teve o valor de uma obra educativa, embora inferior às verdadeiras possibilidades dos executantes, que cusaram o efeito da inexperiência em ambiente de desconhecimento.

Para completar as nossas apreciações restava a referência às provas dos vários concursos incluídos no programa. Para não cindir o comentário à escassez do espaço, com prejuízo da verdade e da clareza, deixamos para segunda crónica.

SALAZAR CARREIRA

O 2.º «goal» do Benfica. Observar a atitude do «keeper» português e a expressão de Martins

BENFICA é Campeão NACIONAL de JUNIORS



Um enérgico remate de cabeça demasiado alto...



Os campeões nacionais de Juniores



Atitude de um defesa «azul-branco»



Fase em que sobressai a boa combinação da asa direita «encarnada», vendo-se a defesa portuguesa batida



O grupo do F. C. Porto

BENFICA e Estoril PRAIA são finalistas da TAÇA de PORTUGAL

NO JOGO DO ESTORIL

1 — Boa fase no campo da Amoreira, cheia de energia e movimento; 2 — Curioso instante, focando desta vez a singularidade de atitudes que se observam no futebol; 3 — Intercepção de cabeça no momento oportuno...; 4 — Uma das muitas defesas de Machado

(fotos J. Manique)



Até à hora a que fechamos a nossa Revista não recebemos a reportagem fotográfica do encontro de Vizeu, motivo porque somos obrigados a privar os nossos leitores das fotografias daquele desfilio



A «IMPERIO»

é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas. Seja previdente, adquirindo uma apólice da

«IMPERIO»

— a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital.

COMPANHIA DE SEGUROS
I M P É R I O
Rua Garrett, 56 — LISBOA

A proposito da taça «Sport Clube do Pôrto»

Resultados e comentários

CONCLUIU na penultima semana, na sala de armas do Centro Nacional de Egrima, a disputa da taça «Sport Clube do Pôrto», interessante torneio de espada, por equipas, criado há anos em homenagem à activa sala norte-nha que lhe dá o nome.

Concorreram seis equipas, representando o Sport Clube do Pôrto, Sala de Armas Carlos Gonçalves, Hockey Clube de Portugal, Ginásio Clube Português e «Mocidade Portuguesa» — esta com duas formações.

O trofeu, do qual era detentora a Sala de Armas Carlos Gonçalves, foi este ano ganho pelo próprio Sport Clube do Pôrto, que realizou 4 vitórias e 1 derrota colectivas. Seguiram-se: 2.º — Hockey Clube de Portugal, 3-1 e 1 encontro nulo 3.º — Sala de Armas Carlos Gonçalves, 3-2; 4.º — Ginásio Clube Português, 2-2 e 1 nulo; 5.º — «Mocidade Portuguesa» equipa A 2-3; 6.º — «Mocidade Portuguesa» equipa B 0-5.

Como prometemos, publicamos hoje os comentários sugeridos por este torneio.

Os encontros

Todos os encontros foram seguidos com o maior interesse. A prova, no que respeita aos seus resultados de cada match, decorreu como segue:

S. A. C. G., 6 — S. C. P., 3: Os vencedores equilibraram-se entre si, sofrendo cada atirador 1 derrota. Dos vencidos, Neto foi o melhor. Retumba esteve regular e Correia improdutivo. Marcha do encontro: S. A. C. G. — 1/0, 1/1, 1/2, 2/2, 3/2, 3/3, 4/3, 5/3 e 6/3.

Mocidade A, 7 — Mocidade B, 2: Fácil vitória dos mais fortes. As duas vitórias da equipe B foram marcadas por M. Mourão. Marcha do encontro: M. P.-A — 0/1, 1/1, 2/1, 3/1, 4/1, 5/1, 6/1, 6/2 e 7/2.

Hockey, 4 — Ginásio, 4 (1 nulo), 19 t. r.: O único encontro sem resultado definido. Do H. C. P., sobressaíu F. Pereira, ao passo que Nogueira foi o mais seguro na equipa do G. C. P. Marcha do encontro: H. C. P. — 1/0, 2/0, 2/1, 2/2, 2/3, 3/3, 3/4, 3/4 (N.) e 4/4.

S. C. Porto, 5 — Mocidade A, 3 (1 nulo): Embora sem demarcar vantagem absoluta, o S. C. Porto mereceu a vitória. Desta vez Retumba foi o melhor entre os portugueses, como Carlos Franco, apesar de ter começado mal, se distinguiram entre os da «Mocidade». Marcha do encontro: S. C. P. — 0/1, 1/1, 2/1, 3/1, 3/2, 3/2 (N.), 3/3, 4/3 e 5/3.

S. A. C. G., 9 — Mocidade B, 0: Um encontro sem história... O resultado diz tudo.

Hockey, 6 — Mocidade A, 3: A equipa do Hockey esteve desta vez a atirar com perfeito equilíbrio entre os seus componentes. Da «Mocidade», só Carlos Franco se manteve em nível normal. Marcha do encontro: H. C. P. — 1/0, 1/1, 1/2, 2/2, 3/2, 4/2, 4/3, 5/3 e 6/3.

S. C. Porto, 6 — Ginásio, 3: Os vencedores partiram equitativamente as vitórias, como os vencidos as derrotas... Marcha do encontro: S. C. P. — 1/0, 1/1, 2/1, 3/1, 4/1, 4/2, 4/3, 5/3 e 6/3.

Mocidade A, 5 — S. A. C. G., 4: O primeiro resultado de sensação... A vitória da «Mocidade» foi merecida, pois todos os seus «equipers» se aplicaram com vontade. Carlos Franco e Paiva e Pona sobressaíram, particularmente nos seus encontros com Melo e Castro, a quem venceram com clareza. Edmundo Franco, mais acertado, não teve a sorte por seu lado. Na equipa vencida, E. Lino foi o mais franco, H. Santos subiu francamente e Melo e Castro confiaram demasiado nas suas incantáveis possibilidades. Marcha do encontro: M. P.-A — 1/0, 1/1, 2/1, 3/1, 3/2, 3/3, 4/3, 4/4 e 5/4.

Hockey, 8 — Mocidade B, 1: Outro resultado que mostra o domínio do vencedor. A vitória de honra dos vencidos foi ainda conquistada por Mourão, no último assalto, sobre A. Henriques.

S. A. C. G., 6 — Ginásio, 3: Igualdade de resultados entre cada um dos componentes da equipa da S.A.C.G. No Ginásio duas boas

vitórias de Barreto, sobre Lino e Melo e Castro, e uma de Vinha. Nogueira sobressaíu... Marcha do encontro: S. A. C. G. — 1/0, 2/0, 3/0, 3/1, 3/2, 4/1, 5/2, 6/2 e 6/3.

S. C. Porto, 8 — Mocidade B, 1: Outra rematante derrota da equipa da «Mocidade», que se deixou dominar demais desta vez. Neto registou a única derrota do grupo português, enquanto H. Rodrigues fazia a vitória registada pelos vencidos. Marcha do encontro: S. C. P. — 5/0, 5/1, 8/1.

Ginásio 5 — Mocidade A, 4: Vitória fácil do Ginásio, que adquiriu de entrada margem confortável, Nogueira realizou vitórias, mas Barreto e Vinha exibiram-se com irregularidade. Da «Mocidade», Edmundo Franco foi o melhor. Marcha do encontro: G. C. P. — 1/0, 2/0, 3/0, 4/0, 4/1, 4/2, 5/2, 5/3 e 5/4.

S. C. Porto, 5 — Hockey 3 (1 nulo) O encontro de maior expectativa desde o início do torneio. O Hockey seguiu sem derrotas, portanto na melhor situação, embora tivesse de de enfrentar a S. A. C. G. Os atiradores norte-nhos começaram com entusiasmo e obtem 2 vitórias, às quais se segue um encontro nulo. Chega a vez da reacção do Hockey, mas esta não se mantém... Qualquer dos seus representantes está em momento de menor inspiração. De sublinhar o «élan» de C. Correia, do S. C. do Porto, seguido de perto por M. Neto. L. Retumba menos feliz. Marcha do encontro: S. C. P. — 1/0, 2/0, 2/0 (N.), 2/1, 2/2, 3/2, 4/3 e 5/3.

Ginásio, 5 — Mocidade B, 4: O melhor encontro da segunda quinana da «Mocidade», durante o qual se salientou H. Rodrigues. O Ginásio, a jogar francamente mal, esteve à beira da derrota. Marcha do encontro: G. C. P. — 0/1, 1/1, 1/2, 1/3, 2/3, 3/3, 3/4, 4/4 e 5/4.

Hockey, 5 — S. A. C. G., 4: Chegou-se ao último encontro do torneio e não tinha de

se decidir também a classificação final. A S. C. G. e o S. C. P. tinham 1 derrota colectiva cada, ao passo que o Hockey registava a par também de 1 derrota 1 encontro nulo. Assim, se verificasse a vitória da Sala Carlos Gonçalves, esta ficaria em igualdade com o Sport Clube. Pelo contrário se o triunfo coubesse ao Hockey, a equipa portuguesa subiria automática e definitivamente ao 1.º lugar. Começado este decisivo «match», o Hockey toma ascendente de entrada — mas deixa-se igualar, para permitir depois que a equipa adversária se coloque em vencedora. Os dois últimos assaltos, porém, repõem a vantagem do Hockey, que vence. H. Santos proporcionou desta vez a derrota à sua sala de armas, pois não obteve sequer uma vitória... Lino e Melo e Castro equivaleram-se. Nos vencedores, F. Pereira e A. Henriques foram os melhores. Marcha do encontro: H. C. P. — 1/0, 2/0, 2/1, 2/2, 3/2, 3/3, 3/4, 4/4 e 5/4.

As equipas

Pela forma como decorreu o torneio, o respectivo resultado, se não corresponde às expectativas gerais, em face da constituição das equipas e do conhecimento do seu trabalho habitual, traduz contudo um prémio justo para o vencedor.

Na realidade — e aprás-nos muito registá-lo — a vitória do Sport Clube do Pôrto, precisamente em relação ao que estava em jogo — uma taça com o nome da dedicada sala de armas norte-nha, foi recebida com sincero agrado. Dos componentes da sua equipa, não há dúvida que L. Retumba e C. Correia subiram sensivelmente em relação ao que jogaram no torneio de terceiras categorias. Estiveram mais realizadores — o primeiro sobre mais útil e o segundo, se bem que de menor regularidade, com momentos de boa esgrima. O outro elemento da equipa portuguesa, M. Neto, atirador seguro e de qualidades muito apreciáveis, foi o mais proveitoso na construção da vitória e dos mais certos entre todos os concorrentes.

A formação do Hockey não esteve bem à altura de outras apresentadas por esta Sala de Armas. F. Pereira jogou dentro da sua maneira habitual e foi o mais seguro. A Henriques, apesar de o ter seguido de perto em resultados,

(Continua na pág. 15)

BIBLIOGRAFIA

«A Saúde pela Educação Física» pela Dr.ª DEOLINDA MARTINS

NAS primeiras palavras da introdução ao seu livro, declara a autora que foi sua única preocupação proporcionar saúde e alegria por intermédio do exercício físico bem orientado; e destina-o às senhoras e mães portuguesas, para que dêem o melhor aproveitamento sem necessidade de conhecimentos especializados em matéria de educação física.

Trata-se, por conseguinte, de uma obra de divulgação — incluída aliás numa biblioteca que se intitula de prática — onde se reúnem seis lições seriadas para senhoras, quatro lições tipos para crianças de 6, 8, 10 e 14 anos, e, por fim, algumas noções gerais de ginástica correctiva. É, por conseguinte, sob este aspecto de manual despretencioso e essencialmente prático, que o trabalho da dr.ª Deolinda Martins deve ser considerado com propriedade.

Escrever sobre qualquer assunto para pessoas que o desconhecem, é sempre tarefa difícil; mas, no caso especial da ginástica, a tarefa é mais melindrosa ainda porque exige clareza de exposição e metucioso cuidado na indicação de todos os pormenores, para que não possam succeder erros de interpretação, dos quais resultem vícios nocivos de atitudes e gestos ou execução dos exercícios por forma a ficarem desvirtuados os seus objectivos pedagógicos.

Tinha-se sempre presente que a ginástica pode ser uma arma de dois gumes e, às vezes, mais vale nenhuma do que mal feita. Estas considerações mais valorizam os propósitos da autora, que pôs na sua obra cuidadosa ponderação, muito sentido prático e o melhor empenho de simplicidade descriptiva, sem prejuízo da necessária precisão.

Os esquemas das lições foram elaborados com boa orientação (pareceu-nos apenas haver escapado a inclusão de um descongestionante

compensador após o 7.º exercício da 5.ª lição para senhoras) e as descrições explicativas satisfizessem na generalidade; haveria vantagem, embora isso aumentasse o volume do texto, em melhor definir atitudes e explicar certos pormenores, como a execução das insistências, por exemplo, que não é facilmente assimilável por quem nunca viu do que se trata.

Também, para completa garantia de compreensão das leitoras, consideramos indispensável, após cada exercício, a indicação, em breves símulas, dos mais vulgares erros a evitar. É uma importante omissão, mas que poderá remediar-se em futuras edições.

Nenhuma destas reservas impede que consideremos o livro — que os esplêndidos desenhos do dr. Rui Gouveia muito valorizam — de real utilidade e merecedor das atenções da quem se destina. A parte reservada à ginástica feminina, a mais desenvolvida, pode considerar-se suficiente para a generalidade dos casos; a parte infantil, como a própria autora reconhece, é um simples esboço, reduzido pela falta das circunstâncias e que virá a ser completado por trabalhos posteriores.

A edição é cuidada e agradável; que um livro agrada de vista é virtude fundamental para convite à leitura.

Apontamos somente uma «gralha» de responsabilidade, que escapou à revisão, aliás cuidada: em página 45, no descriptivo do exercício respiratório, lê-se no terceiro período: «O ciclo respiratório compreende a inspiração e uma pausa após esta».

Desapareceu a expiração e, embora posteriores explicações aclararem a mecânica do acto respiratório, este lapso pode deixar supor aos ignorantes que se aconselha a pausa inspiratória, o que não está no espírito da verdade.

Paradoxo da penúltima semana:

De Lisboa ou do Pôrto, os azuis e brancos não são realistas...

Profecia arriscada:

Monopólio B. S. B. — Campeonato de Lisboa, Campeonato Nacional, Taça — respectivamente...

Verdade... aritmética:

6-1=5-0...

Corografia:

Existia já a Praia da Vitória. Agora temos a Vitória... do Praia!

Anúncio do dia:

Precisa-se de rapaz, com mais de dois metros de altura, para jogar a avançado centro. Quem estiver nas condições, escrever para o Largo dos Afritos, 7.º Esq.

Côres e factos das equipas:

Azuis... em branco.

Aniversário:

Completo as risonhas primaveras o excelente jogador Artur de Sousa (Pinga), que não notáveis exhibições nos proporcionou nos encontros da «Taça».

Definição... nem sempre certa:

Juiz de linha: indivíduo a quem se paga para assistir a um desafio de futebol muito de perto e levar o árbitro a cometer, por vezes, umas tantas arbitrariedades...

Estados de espírito... antes dos jogos:

Académica — Lemos.

Est ril — Bravo.

Victoria — Briso.

Benfica — Espirito Santo.

Verdade:

O Vitória deu à Costa... do Sol.

Certeza:

Leva a «Taça» quem beber menos «golos»!

Octaviano, César Augusto

Não nos referimos ao célebre imperador romano. Aludimos simplesmente a dois jogadores da Académica e a um do Benfica...

Telefonemas do último domingo:

Al vai o esférico, A-cace-o, A-cace-o, A-cace-o...

Estão disputadas as meias finais.

Vamos ver a final.

Os vinhos do nosso país são os melhores.

Não admira, portanto, que a «Taça» seja a mais cobrada do... mundo!

J. SARABANDO

Os campeonatos provinciais da «Mocidade» e a estafeta Cascais-Lisboa

A divulgação das práticas do atletismo entre os seus filiados tem merecido grande empenho aos dirigentes da «Mocidade Portuguesa», sobretudo em Lisboa, onde são inúmeros os instrutores distribuídos pelos diversos Centros Escolares.

Não admira, portanto, que os campeonatos da provincia da Estremadura sejam os mais concorridos e que neles se registre acesa luta e forte entusiasmo.

As provas dêste ano, que decorreram no sábado e domingo na pista do Sporting, onde também assistiremos, nos proximos sábado e domingo pela manhã, aos campeonatos provinciais, não de mereceram do habitual interesse, embora se ressentissem da ausência dos rapazes do Instituto dos Pupilos do Exército, únicos com força colectiva para opôr resistência ao valoroso conjunto do Colégio Militar.

Os concorrentes foram divididos em duas classes, conforme a idade, a primeira até aos 18 anos e segunda dos 19 aos 21 anos e, cir cunstância curiosa a fixar, foram os mais novos que obtiveram os melhores resultados: os 7.3 s. de Ramires nos 60 m.; os 17 s. de Martins Ferreira nos 150 m., com os três finalistas immediatos a pis-rem-lhe os calcanhares; os 2 m. 16 s. de Serôd Gomes nos 800 metros; os ex-celentes 20.8 s. do Colégio Militar na estafeta 3x60 m.; os 6. m. 21 de Santos Vieira no salto em comprimento, 1. m. 67 que o mesmo Serôd Gomes e Vieira da Fonseca saltaram em altura e os 3. m. 26 do já consagrado Santos Vieira, transportos com a vara; ainda até os 33. m. 28 de Lobão, com o disco de 1,5 Kl. e os 43. m. 68 de Sabbo, com o dardo de 600 gr., são marcas animadoras para o futuro do atletismo nacional, muitas das quais ficarão arquivadas certamente como novos «records» da «M. P.»

Na categoria dos mais velhos os resultados foram, nas provas de igual distância ou nos concursos, todos inferiores o que até certo ponto se não compreende logicamente; os melhores vencedores foram: Joaquim Campos, com 3 m. 1.4 s. nos 1000 m. corridos à vontade e com um formidável percurso na estafeta

3x300 m., que recuperou uns vinte metros e se ad-antou mais outros tantos; Lôbo Vitória, com 9.4 s. nos 80 metros, e sobretudo Pinto Basto, que lançou o peso de 5 qls a 14. m. 05 e extra-prova ultrapassou ainda a distância.

A organização foi bastante cuidada e a pista deu optimo rendimento, mostrando mais uma vez a excelência do seu piso. A guns dos concursos demonstraram exageradamente, por escassez de material e abundância de concorrentes, e consentiu-se — ou melhor, não se pôde evitar, apesar de reiteradas solicitações — a permanencia no campo de inumeros concorrentes, que não tinham nenhuma necessidade de lá estar.

A corrida Cascais-Lisboa

Com o costumeado êxito popular, foi mais uma vez disputada no domingo, a estafeta Cascais-Lisboa, a qual, como nao podia deixar de ser, proporcionou à equipa do Benfica uma excelente vitória — pode mesmo dizer-se uma dupla vitória, visto se diri entes A. A. L. terem resolvido — quanto pode a fantasia humana! — atribuir também aos vencedores os prémios correspondentes à prova anulada no ano passado...

(Continua na pág. 15)

DESPORTOS DO «STICK»

ABRIU ONTEM

a nova época de «hockey» em patins

A cabo de um interregno de largos meses, principiou ontem a jogar-se de novo oficialmente, o «hockey» em patins em Lisboa. Já não era sem tempo... Deve-se o facto às instancias da Federação de Patinagem e de uma comissão de campeonatos, eleita na primeira assembleia da novel Associação de Patinagem do Sul.

Quere dizer, em suma: voltou-se à actividade ordenada, que oxalá nao sofra de quaisquer interrupções, prejudicando natural desenvolvimento da interessante modalidade.

Com o torneio de abertura — ontem e amanhã, no «rink» do Estádio Mayer — deu-se principio à nova época de actividades «hockeyistas». Onze clubes — todos quantos disputaram o ultimo campeonato de Lisboa, menos o Sporting — estiveram presentes na competição em referenda. E agora, a seguir, vamos ter o vigésimo primeiro campeonato regional, da 1.ª Divisão, prova que vé pela primeira vez a inclusão do Desportivo dos Tabacos, estreante em 1943 e vencedor brilhante do torneio secundario.

Ao campeonato principal — cujo começo está marcado para o dia 29, concluído-se o primeiro turno de prova, no dia 12 de Julho — concorrem todos os clubes da época passada, apenas com a troca do Lisgás (que desceu automaticamente de divisão) pelos Tabacos.

É curioso assinalar que esta prova disputa-se ininterruptamente desde 1921, tendo conhecido como vencedores, em categoria principal, apenas cinco clubes: «Hockey», de 1921/22 até 1924/25 (quatro primeiros anos); «Benfica», de 1925/26 até 1935 (nove anos consecutivos: um «record» ainda de 16) e em 2.ª: «Futebol Benfica», em 1936 e 37 e de 1940 até 42 (três anos seguidos); «Sporting», em 1939; e «Paço de Arcos», em 1943.

Nas categorias inferiores figuram como vencedores: «Benfica» (2.ª: de 1926/27 até 1934 e de 1936 até 1941 — somente duas vezes substituído...); 3.ª: em 1926/27 e 1927/28 e de 1930/31 até 1939 — oito anos seguidos; e 4.ª, sempre, ou seja, em 1930/31 e 1931 até 1941; «Hockey» (2.ª: em 1924/25 e 1925/26, nos dois primeiros anos; 3.ª: em 1925/26, 1927/28 e 1928/29; «Futebol Benfica» (2.ª: em 1935; 3.ª: de 1940 a 42, três anos seguidos); e «Paço de Arcos» (2.ª: em 1942 e 43, dois últimos anos; 3.ª: em 1943).

Da competição — porque é extensa e ocupa quasi todas as noites, durante época de quatro meses — não podemos publicar calendario, pois occupava um espaço que muita falta nos faz. Mas á medida que o torneio for decorrendo, iremos apleando a sua marcha, indicando as jornadas cumpridas e a cumprir.

*

No sábado reedita-se o Lisboa-Macau de «hockey» em campo. É a segunda vez que as duas seleções vão defrontar-se, pois tiveram seu baptismo em 3 de maio de 1943, no Lumiar, triunfando os lisboenses por 4-2. Que sucederá agora? Os macaistas, já com mais tempo de residência na metrópole, estão por certo aclimatados — e como conhecem o jogo dos lisboetas, visto que, na sua maior parte, são elementos do Hockey Clube — é natural fornecerem melhor luta.

Ao encontro, que se effectua ás 18 horas de sábado, no Campo Grande, assistem, especialmente convidadas, as 8rs. ministros da Educação Nacional e das Colónias, director geral dos Desportos, commissário nacional da «Mocidade Portuguesa» e o director do I. N. E. F. Dr. Arsenio Cordeiro. A colónia de macaistas em Lisboa fez-se também apelo para assistir ao desafio — aguardado com grande curiosidade.

Uma pista de patinagem NAS CALDAS DA RAINHA

PORTUGAL tem, desde há poucos dias, a sua primeira pista de patinagem, mandada construir no seguimento do rink inaugurado por iniciativa da Junta de Turismo e Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Apresenta aspecto geral excelente, muito agradável à vista — mas a prática só pode dar resultado desde que se fa modificada. A ideia merece, contudo, os maiores elogios — e até o agradecimento de quantos se interessam pelas questões de patinagem. O rink, de aspecto geral igualmente agradável, precisa também de ligeiras modificações para ficar convenientemente capaz.

Ao escrevermos este artigo simples, de breve commentário á interessante obra dos caldenseis, só nos move a ideia de procurarmos, quanto possível e no que esteja ao nosso alcance, ser úteis á patinagem — desporto que particularmente nos interessa e cuja marcha ascensional acompanhamos há alguns anos, quasi desde a sua iniciação. Diga-se isto para evitar quaisquer mal-entendidos — porque nunca abdicamos da nossa opinião, seja em que circunstância fór. A iniciativa dos caldenseis merece, repetimo-lo, francos louvores, pelo que representa de empenhamento audacioso num campo de acção limitada, e ainda porque é indício seguro de que a patinagem começa, finalmente, a ser olhada com olhos de ver através da provincia. Há vários recintos esportivos pelo país, mas nenhum com a grandiosidade daquêllo que foi inaugurado nas Caldas da Rainha.

Seria absurdo affirmar-se que o rink (e a própria pista) não presta, como os vinhos e a mais de um pseudo-entendido. Seria absurdo — porque não é a expressão da verdade... Admitamos que tem defeitos de construção (os técnicos já se capacitaram de que o mosaico ou a marmorite são produtos mais bem fabricados e de maior duração) mas podem remediar-se; vamos até o ponto de crer firmemente que, com os arranjos indispensáveis, a obra ficará sendo a melhor no género, suplantando o recinto de patinagem de Cascais, considerado até então como o melhor. O local é muito aprazível e o fundo de arvoredo empresta-lhe beleza extraordinária...

Quais as modificações aconselháveis na emergência? Há que fazer destruição, porque uma coisa é o rink e outra a pista, a primeira que se constrói em Portugal, onde não há ainda nada que se lhe assemelhe. É figurino do estrangeiro? Queremos parecer que não... Mas, seja como fór, trata-se de empreendimento a todos os títulos louvável — e que pode muito bem ser limitado, pois entendemos que sómente devem imitar-se as coisas susceptíveis de qualquer utilidade prática.

Estivemos nas Caldas da Rainha e vimos o suficiente

para formar uma opinião, que aliás nos foi posteriormente pedida por pessoa interessada no assunto.

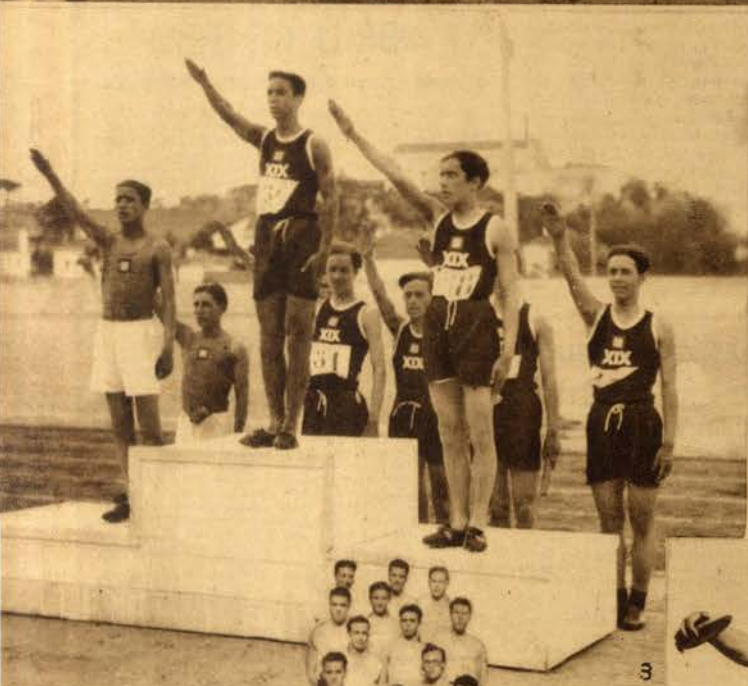
Para que o rink tenha as condições necessárias á boa prática do hockey (nao confundir uma simples demonstração do jogo com o verdadeiro jogo) é preciso, antes de mais nada, alterar as tabelas — que, em regra, são auxiliares do próprio jogo e usadas hoje, a maior parte, todos os jogadores: é que a tabela alta, como é regulamentar, facilita o ressaltado da bola e evita que ela saia fora com tanta frequência, assim como também permite melhores travagens de patim, em corrida, junto á vedação, e obriga a menos quedas; quanto mais alta fór (basta que tenha a medida determinada pelos regulamentos) tanto mais firme é a estabilidade do jogador habituado a esse «jogo de tabela». A vedação nao tem resguardo suficiente, e, como está, é perigosa — tanto para os jogadores como para os assistentes, sendo de aconselhar uma rede atrás das balizas, a toda a altura da vedação, pois que a lateral não necessita tanto dessa prevenção desde que as tabelas sejam mais altas. O piso é mau: frouxo (em muitos lados encontra-se já fendido, o que é um defeito de construção) e anda suave para o deslizar do patim, provocando desgaste maior de material e dificuldade de travagem rápida.

Quanto á pista, parece-nos aconselhável ampliar as curvas e tornar o declive maior e menos alto: assim, o corredor quasi não sentiria a subida, que faria, então, gradualmente e sem esforço aparente. Compreenda-se o sentido: quanto maior em distancia e menos pronunciado fór o declive, mais facilidade terá a subida e mais velocidade se ganha na descida. Se assim se fizer, podem conseguir-se «tempos» melhores; como está, o corredor (e todos, mesmo os caldenseis, já habituados á pista, nos disseram o mesmo) encontra dificuldades — que só vence á custa de muito esforço. Suponha-se uma corrida de 5.000 metros (cêrcos de 35 voltas) a uma pista daquelles que se reja-se depois a fadiga que isso causará ao corredor que a conseguirá! Se fór possível — e parece-nos que é — alargue-se mais o «corredor», precisamente para maior facilidade nas entradas e nas saídas das curvas, que, tal como estão, são apertadissimas e perigosas.

Mas tudo isto que aqui fica não destrói — longe de nós tal pensamento! — a real valia da obra feita. Que não é completa, convém-nos e por isso apontamos pequenos defeitos, remediáveis, para bem da patinagem — que irá ter, estamos certos, grande desenvolvimento e projecção nas Caldas da Rainha.

JORGE MONTEIRO

CAMPEONATO PROVINCIAL de ATLETISMO da MOÇIDADE PORTUGUESA



1—A chegada dos 3x60, ganha pela equipa do Colégio Militar; 2—Os vencedores dos 150 metros em saudação: a contar da esquerda—Colaço, do L. P. Nunes (2.º) M. Ferreira, do C. Militar (1.º) e J. Silveira, do C. Académico (3.º); 3—Os vencedores dos 3x1000, em que triunfou a equipa da E. C. P. Prazeres; 4—Serodío Gomes, do L. P. Nunes, vence no salto em altura; 5—A representação do Colégio Militar, que se distinguiu deveras nos campeonatos; 6—Lobão Cruz, do C. Militar, vencedor do lançamento do disco

(fotos C. Madeira)



ATLETISMO: 1 — Na estafeta Cascais-Lisboa, Jaime Miranda, portador do testemunho da equipa do Benfica, vai cortar a meta em vencedor. **REMO:** 2 — A tripulação da A. Naval, que triunfou nos campeonatos regionais de fundo em «volles» de 8. **RUGBY:** 3 — O «quinze» do Atlético C. P., campeão de Lisboa. **HIPISMO:** 4 — Movimentada fase da prova «Conde de Mendia», ganha pelo cavalo «Decidido», montado por Guedes Campos



Surdos

Com **SONOTONE** ouvem bem e reeducam os ouvidos
As experiências são grátis



VENDEMOS TAMBÉM: óculos de boas lentes, lindas e modernas armações, lupas, binóculos, etc.
Faz-se-lhes a pena visitarem as nossas modernas instalações, de estilo americano

Agência
C. P. L. Optica
Poço do Borratém, 33, s/l.
LISBOA



Se habla Español ● On parle Français ● English spoken



2

3

4

Estilos e Técnicas

É de uso denominar-se escolas as formas ou maneiras como actúan os conjuntos desportivos, ou o processo de jogo habitual num praticante desportivo, o qual chega a constituir como que toda o estilo próprio.

Assim, temos — quanto ao Norte — a escola «portulana», em futebol, a escola «vascainha», em «basket», etc. Isto é, há em cada modalidade um clube que, pela sua maneira de agir, constrói uma técnica que se precisa e melhora com o andar dos tempos, e a qual, mais tarde, é considerada como a melhor demonstração de conhecimentos técnicos da respectiva modalidade.

Entretanto — e isto é já uma lei muito conhecida, o estilo com que as formas se acham firmes se adaptado, uniformemente, a várias condições e qualidades, sem as quais poderiam significar gravíssimos erros.

Explicando-se um grupo formado por elementos frágeis fosse usar toda o estilo em que houvesse, como base, a luta corpo-a-corpo, esse grupo cometeria tremendo erro, porque as condições do seu conjunto não determinavam tal maneira de agir.

Temos visto, até, devido ao mesmo erro ou tentativa de acompanhamento do jogo adversário, que certos equibos, com constituição pouco pesada, procuram o embate com o contrário, o qual, por ser superior em poder e resistência física, nada sofre no fim, antes procura aproveitar todos os movimentos ou ensaia para usufruir as vantagens que tal erro lhe proporciona. Se uma turma, muito embora aguçada, peça por ir ao encontro do jogo do adversário em casos como este, pode dizer-se que caminha de olhos abertos para a sua derrota inevitável.

O que se diz em relação a grupos, pode dizer-se, igualmente, com respeito a jogadores. Há nestes tendência não para a luta em choque, com todas as suas prejuízos. E assim no futebol, no «handball», no «basket» — nestes dois, especialmente, pelas condições do jogo — no «hockey», etc. Quantas vezes temos visto elementos relativamente frágeis darem-se a luta inícuo com um contrário de maior peso. Claro que esta luta é momentânea e que uma sacudida mais forte tira ao mais fraco qualquer variedade de competição física.

Há outros grupos que fazem gala da técnica vistosa interessante, cheia de filigranas, mas nada ou quasi nada positiva. Geralmente, os clubes adquirem toda a própria, que é seguida, cadidamente, por todos os que vêm de novo. Mas se a factura de jogo é delatante para os olhos dos que gostam de ver jogar, não corresponde, porém, aos interesses do clube e aos desejos do seu público. Habitualmente, quando é preciso pôr em acção o capitão em que as condições de uma equipa mais se têm de revelar — o remate, falham de forma estrondosa.

Em futebol, o remate às rdes-fizes (falamos pelos clubes de cá) de maneira imprecisa, ou imperfeita. O jogador, apesar de bem treinado, está cheio de vícios adquiridos em clubes inferiores e apresenta-se, geralmente, em dificuldade dentro da baliza contrária — e ou remata mal ou desafia-se da bola por qualquer forma, nem se seja no camarada pior colocado...

Temos visto nestes momentos em que uma classe de privilegiados vai desaparecendo pouco. Hoje há clubes que quasi não têm quem saiba como se remata a baliza, em qualquer posição ou condição.

Em «handball», a técnica ainda uma idiatima... Actualmente deve jogar-se 75% menos do que há uns 6 anos. Já então se pregava contra a maneira como se praticava a modalidade, mas actualmente, pelo que se vê, a técnica foi coisa que passou.

Vemos, mais tarde, algo sobre este assunto.

MÁRIO AFONSO

ATLETISMO

O torneio para estreantes, organizado pela «Stadium», foi adiado

O nosso torneio, primitivamente anunciado para os dias 27 e 28 do corrente, sofreu adiamento para data ainda a desig ar. Não podíamos de maneira alguma deixar de atender os pedidos da maioria das clubes, os qu- is declararam não lhes ser possível apresentar «equipas» em condições em virtude do grande número de rapazes que no dia 28 estará ocupado nas várias comemorações do dia.

Se insis fiessem, portanto, nas datas já indicadas, o Torneio acabaria por não alcançar o objectivo que temos em vista: a propaganda da modalidade entre os novos.

Em definitivo informaremos no próximo número, mas com este adiamento nada se perdeu, pois o torneio da «Stadium» deve fazer-se já na admirável pista do Lima, que se encontra reparada e em óptimas condições.

GLYCOL
O IDEAL DA PELE
Produtos V. A. P. (PORTUGAL)

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade. A venda nas boas Casas da Especialidade e principais farmácias — Depositários gerais: Ventura d'Almeida & Pena R. do Guarda-Mór, 20, 9.º Esq. LISBOA Envia-mos amostras contra 300 em selos do c.

Stadium na Capital do Norte

HÁ 34 ANOS

No tempo das «balizas às costas»...

Já o F. C. do Pôrto fazia a propaganda do jogo da bola

O dr. Guilherme do Carmo Pacheco, ainda há pouco director do nosso prezado colega «Jornal de Notícias», era, há 34 anos, destacado dirigente do F. C. do Pôrto, um entusiasta pelo jogo da bola... Nesse tempo o futebol ainda não dispunha da popularidade que goza hoje e os «zulis-brancos» entretinham-se a fazer a sua propaganda pelas pequenas cidades norte-nas, onde a cada passo iam com dois grupos completos, para exhibirem praticamente as belezas convincentes do novo jogo. É de uma dessas viagens de propaganda que vamos falar. Certo domingo, a cidade visitada foi Penafiel, na qual só vagamente se conhecia o futebol e onde, portanto, faltavam as instalações indispensáveis para se fazer qualquer exhibição capaz. Por isso, o dr. Guilherme do Carmo Pacheco partiu, de véspera, para Penafiel, à procura de um terreno capaz de servir de palco à pugna projectada, pois quanto aos acessórios necessários, como rédeas, postes, bandeirolas, etc., tivera o cuidado de as fazer seguir para lá, pela mão de um empregado do clube. E, a propósito, convém elucidar que foi desde então que se começou a falar do futebol das «balizas às costas», pois na verdade os portugueses tiveram de viajar com «armas e bagagens» — se quiserem fazer a sua propaganda... Escolheu o terreno a alguns metros da actual instalação em frente do Quartel — tratou-se das instalações, que se não obedeciam rigorosamente aos regulamentos, remediavam...

No domingo, a rapaziada lá foi até Penafiel. Mas agora será melhor não contar mais — e transcrever o que disse do «esencional» encontro o jornal local «O Penafielense»: fazemos a transcrição sem alterar a veriga aquilo que se escreveu no referido jornal, para que o leitor possa saborear a linguagem deste «primitivo» crítico desportivo...

Match de foot-ball

Realizou-se no passado domingo, no Campo do conde de Torres Novas, desta cidade, o anunciado match de foot-ball promovido por alguns sócios do «Foot-Ball Club do Pôrto».

A chuva impertinente, que não cessou de cair durante toda a tarde de domingo, fez perder muito brilho ao interessante torneio; mas nem por isso os valentes rapazes deixaram de lutar com todo o entrain pela vitória, que foi alcançada pelo team branco por 7 goals contra 1 do team azul.

Os dois teams eram constituídos do seguinte modo: Brancos: goal keeper, Castro, backs, Andrade e Figueiredo; half-backs, Armando Cruz, J. Burros e H. Costa; forwards, Lino, Baecelar, Mégre, Ivo e Cunha. Azuis: goal keeper, Manuel Valença; backs, J. Victorino e Magalhães; Busto; half-backs, F. Kron, F. Ross e J. Silva; forwards, Corie-Real, Marques e Silva, Joaquim Valença, F. Marques e W. Smith. Referee: Dr. Guilherme do Carmo Pacheco.

Apesar da lama que encharcava o court e por isso dificultosa o jogo, alguns foot-ballers tiveram shots magníficos, salientando-se um corner magistral, feito pelos brancos, de que resultou um goal.

Foi uma bela diversão, a que não faltou selecta e numerosa concorrência, sendo pena que o tempo se tivesse mostrado tão hostil.

Sabemos que os brônios rapazes tentam voltar no próximo mês de Junho a esta cidade, realizar um outro match, sendo de esperar que então o tempo seja mais

Lição de desportivismo

A O redigir este comentário, nada nos move senão focar um caso e sublinhar uma attitude.

Ouvimos, casualmente, uma troca de impressões entre dois dirigentes do Académico F. C., justamente a apreciar o comentário de um nosso distinto camarada desta cidade.

Tratava-se da questão do apoio nos rapazes do Académico, que, no dizer de alguns, não tinha sido prestado com aquêle cuidado técnico e persistente que concedesse ao corredor Belmiro Correia a sorte de poder seguir na competição, rodeado de todas as probabilidades. Pralidase-se até dar como improficuo na mal adaptado o auxilio que o court prestou à gente do clube do Lima.

Não curámos de saber se é assim ou não porque isso é uma questão interna, que deve ter sido já resolvida, sem passar ao domínio publico — apto a deturpar tudo.

Reatistamos admente este pormento da conversa que suprimendemos:

«Se não fosse o G. D. «Luminante», o B. Miuro não teria entrado no Estádio», dizia um dos presentes.

E continuava:

«Calcule que, a certa altura, como já não havia outro processo de auxilio e depois de já t-rem cedido duas F. D. à gente do nosso clube foram à bicicleta de reserva de João R. Bê e tiraram-lhe uma das rodas — para nos servirem!... Com isso poderiam ter prejudicado ainda mais a classificação do «u corredor».

Ab-traino-no de tudo e só vemos o gesto — que caiu de tal maneira d-nt- ra dos hostes «edemistas», que o G. D. «Luminante» pass- u a t- r uma f- linge de apoio ainda mais numerosa do que até aqui possuía. O assunto tem sido ventilado nos jornais da imprensa diária desta cidade, que não registem elogios ao procedimento daquele clube liboetico.

favorável, e tenhamos uma apreciável e interessante distração nesta terra em que elas infelizmente não abundam. Num espelho, da sala de jantar da Hotel Central, onde se hospedaram os nossos visitantes, lia-se a seguinte quadra de saudação:

Bemvinda elite sportiva
Fina e viva
A dar vida a este morto
Um arrebalde do Pôrto

Um dos visitantes escreveu:

O Foot-ball Club do Pôrto agradece
As suas corteziosas boas vindas
E a Penafiel voltar promette
Cidade tão bela e com vistas lindas.

Com pétalas fomos recebidos
Pelas habitantes da cidade
Com muita tristeza nos despedimos
Levando no coração — Saudade!

Era assim, com poesia e boa camaradagem, que se jogava futebol há 34 anos. Como os tempos mudaram... Ao recordar estes «passados», podíamos escrever largos comentários e inúmeras considerações. Mas deixamo-las ao critério do leitor...

EDUARDO SOARES

Semana a semana

A viagem do F. C. Pôrto à Madeira

ARRRADO do torneio da «Taça de Portugal», o ca práo portuen-e prepara-se para a sua viagem à Madeira, a convite do Marítimo.

Alinhado p- lo clube «zuli-branco» alguns dos seus «recrutadas» da próxima época e cuja situação já está mais ou menos definida. Entrando, parece que essa safra está condicionada à inauguração do Estádio Nacional, motivo porque só de p- is do dia 10 de Junho se fará a abalaída.

«Basketball» e «Hendball»

As receitas dos jogos de «basket» efectuados nesta cidade, para disputa do campeonato nacional, têm sido bastante animadoras. Isto só prova quanto a cidade do Pôrto sabe apreciar todas as manifestações desportivas.

A Federação Portuguesa de «Handball» já mandou distribuir pelos clubes o novo regulamento do campeonato nacional. Ficare assegurado um subsídio para deslocação das equipas — medida que só merece aplausos.

O festival do Feminino A. C.

Farece destinado a constituir um espectáculo grandioso o srazu que o Feminino vai realizar no próximo dia 30, no Coliseu do Pôrto, em comemoração do seu aniversário.

Como no ano findo, abrilhantará o programa a apresentação do excelente conjunto do Lisboa Gimnástico Clube, cujos números foram apreciadíssimos no srazu do Palácio de Cristal.

Será, portanto, mais uma demonstração vital da educação física da gente moça da nossa terra, a qual é credora de todo o elogio, pela tenacidade e espirito de sacrificio postos no serviço da causa.

Em plena presença...

Embora em segredo, os novos agrupamentos de futebol trabalham afinadamente na selecção e procura de novos elementos, para reforçar as suas linhas.

Mais ou menos annuam-se importantes novidades nos clubes maiores, parecendo, ao que se diz, que a nova época de futebol já constituir uma surpresa, pelo valor e quantidade d- s elementos escolhidos.

Há já indicação de alguns nomes, parece, entretanto que um dos jogadores do Avintes, qu- s- gundo disseram, já na época futura reforçará o quadro de um clube dos «grandes desta cidade, não mudará de camião, em obediência a uma determinação paternal.

Mas o «xadrez futebolístico» agita-se... Muito positivamente, haverá dentro «m breve nomes positivos a dar a publico, para satisfazer a curiosidade dos nossos leitores, «quanto a bola descança»...

A representação portuguesa na inauguração do Estádio Nacional

O distrito do Pôrto prepara a sua representação com uma selecção de elementos dos mais importantes e valiosos.

Além das federações e associações regionais, com os seus estandartes ou guilões, há clubes que se preparam para se apresentar no Estádio Nacional de forma condigna de acção com o acto que vai realizar-se, tais como o Sport Club do Pôrto e o Vilanovense, que estão a preparar as suas turmas no sentido de enviarem ao Estádio o melhor do a seus praticantes de desporto.

A ÚLTIMA SESSÃO DO PARQUE MAYER

Comentários de Rafael Barradas

A temporada de verão, no que respeita ao pugilismo profissional, abriu na semana finda com uma sessão no Estádio Mayer.

Programa anunciado como popular, em que intervinham jogadores de 2.^{as} e 3.^{as} séries, bastava a sua leitura para av. liar a indole do espectáculo: modesta e sem pretensões.

O primeiro encontro da v-lada pôs frente a frente os pesos leves Jack Freitas e Alberto Afonso, em 5 as-altos.

Este último, deficientemente preparado, não impôs a sua maneira, conseguindo, no entanto, neutralizar os esforços de Freitas, «contrando» ao tronco, em força. A decisão de empate adaptava-se à fisionomia da luta, que foi seguida com interesse.

O desafio imediato, entre Mário Pereira e o estreante António Rodrigues, meio-pesados, terminou pela derrota do primeiro nomeado, por K.O. ao 4.^o assalto. O combate foi pouco emotivo. Pereira, cujos membros longos permitiam jogar afastado com seguro êxito, esqueceu-se, ou ignora, que o «directo» da esquerda é a chave-mestra da esgrima dos punhos. Além disto, destreino» ou preparado insuficientemente, acusou falta de fôlego. O antagonista movimentou-se de modo desajeitado e pouco firme e a sua estreira não ultrapassou a craveira da banalidade. Embora vencedor, Rodrigues terminou o 1.^o assalto estonteado por um certo swing que Mário Pereira lhe aplicou no queixo.

Depois, trabalhando ao estomago e flancos, arruinou, quer o ânimo do adversário quer a sua vitalidade insuficiente.

O terceiro encontro da noite veio confirmar mais a decadência de Jack Pestana do que o progresso de Alfredo de Oliveira. Este patenteou grande vontade de se impôr «em força» e anulou sem dificuldade a fraca iniciativa de Pestana, cuja esgrima variada e oportuna se mostrou consideravelmente reduzida.

O árbitro, um pouco cedo de mais, avisou publicamente Pestana do cometimento de irregularidades, mais aparentes do que efectivas.

Isto desanimou Pestana, cujo comportamento anterior, jogando com a «linha alta» descoberta e expondo o queixo e a cabeça aos golpes con rários, dera origem a ser tocado firme. Ao 5.^o assalto, falho de ânimo, levantou a mão, em fim de abandono, após um knock down de 6 segundos e quando a sua sorte já era evidente.

O combate entre José Luis e Damantino Gama foi uma exhibição de «sangre y arena». Ambos muito pouco conhecedores da esgrima de punhos, empenharam-se em socar com brutalidade, no que foram esplendidamente per-

duários. A breve trecho, o sangue das feridas, abertas junto dos olhos, transformava o espectáculo — já de si, tecnicamente, sem lustre — num choque violento, semeado de irregularidades reptidas.

O arbitro deste combate deixou-se influenciar pelo clamor da assistência e não agiu com o rigor necessário. A decisão de match nulo era mais consentânea com os factos, mas não há duvida que o estado físico de Damantino Gama justificava a suspensão do jogo antes do final.

Não devemos esquecer que o pugilismo tem de se apreciar, fundamentalmente, como desporto, tanto no campo amador como no profissional, e que sob nenhum pretexto se deve facilitar o lado desumano do jogo.

A vitória de José Luis por pontos, não confirmou a superioridade do vencedor, cujas falculades de «encaixe» são muito reduzidas.

O último combate da noite disputou-se entre José Mateus e Guilherme Martins, dois pesos leves. Martins fez um combate excelente e dominou desde o início. Foi rápido, decisivo e bom esgrimista, contrapondo ao maior poder de golpe do contrário uma acertada técnica e tática.

Ao 4.^o assalto tornou-se patente a inferioridade de Mateus (até aí ripotando bem...) que foi colhido por «contras» no queixo, sendo abatido por 9 segundos.

No 6.^o round, após uma queda de oito segundos, e queixando-se ostensivamente de dores na nuca abandonou a contenda.

Assi-tiram ao espectáculo um representante da Direcção G-ral de E. Física e D-sportos e, bem assim, os médicos oficialmente encarregados da assistência clínica aos jogadores. Estas entidades, juntamente com os arbitros, o cronometrista e a Polícia, parecem suficientes para o «controle» de qualquer sessão de pugilismo, tanto em Portugal como até na Patagônia, por muita admiração e choradeira que isso determine.

ESGRIMA - A PROPOSIÇÃO DA TAÇA «SPORT CLUBE DO PORTO»

(Conclusão da página 10)

parece-nos distante da forma de épocas anteriores. Fraco no jogo de pernas e sem resistência, deu nos a impressão de se encontrar mal preparado ou em más condições físicas. M. P. Silva menos produtivo do que na prova de categorias, efectuada dias antes.

Também a representação da Sala Carlos Gonçalves — precisamente a que conquistara o trofeu há um ano — nos agradou menos desta vez, embora continuemos a considerá-la a de maiores possibilidades entre as que concorreram. Vimos, porém, que Melo e Castro aplica com menor eficiência as suas prisões de ferro (não esqueçamos, claro, que os adversários já cuidam de lhes evitar e o obrigam a alterar o seu jogo preferido) e está menos voluntarioso. H. Santos também não fez o seu melhor... e E.

Sombrieros
Barracas PARA PRAIA
Tendas E MATERIAL
DE ACAMPAMENTO



Consulte sempre a
SOC. INDUSTRIAL
DE TOLDOS E
ENCERADOS

R. Vale S.^{to} António, 59
TELEF. 2 5357 LISBOA

Toldos de sistemas aperfeiçoados

CLUBE SPORTIVO DE PEDROUÇOS

As escolas de natação do Clube Sportivo de Pedrouços, cuja inscrição continua aberta, estão a funcionar todos os dias úteis, na sede do clube, das 7 e 30 as 9 horas e das 17 e 30 as 19 e 30 horas.

MÓVEIS JOAL
DESENHAM, EXECUTAM E DECORAM

Av. Almirante Reis, 233-B (Carro do Arriero)
TELEFONE 4 4033
L I S B O A

ATLETISMO

Estafeta Cascais-Lisboa

(Continuação da pág. 7)

Os «encarnados» têm ram vantagem no primeiro percurso e mantiveram-na até ao fim; os sportinguistas, únicos adversários que tentaram dar luta, quasi os alcançaram na segunda estafeta, onde Jaime Martins voltou a ter excelente comportamento, e tiveram no último homem da equipa, Manuel Nogueira, um defensor valoroso, que conseguiu recuperar parte apreciável do atraso, sem impedir no entanto a infalível derrota.

Todos os vencedores dos percursos parciais, Pires de Almeida, Jaime Martins, João Silva, Manuel Gonçalves e Manuel Nogueira, bateram os melhores tempos respectivo-, o mesmo sucedendo quanto ao tempo total das duas equipas do Benfica e do Sporting.

Devemos levar em conta, na apreciação destes resultados, a influência favorável do vento, que se prava forte pelas costas dos corredores e a hora muito mais propícia em que foi disputada a prova, consiquência da lição do ano passado.

SALAZAR CARREIRA

ANO XII — Lisboa 24 de Maio de 1944 — II SÉRIE-N.º 77

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.^o
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Lino igualmente não atingiu a craveira habitual. Ambos nos pareceram em baixa de forma, embora mais acentadamente o primeiro.

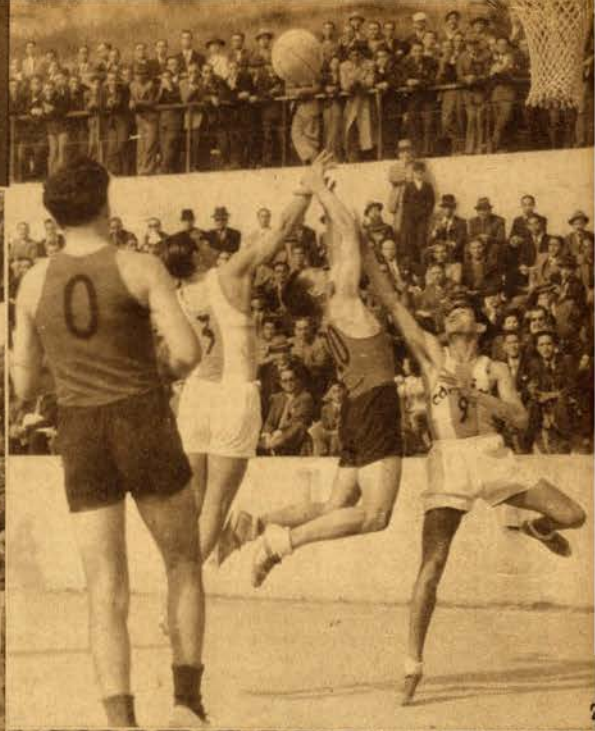
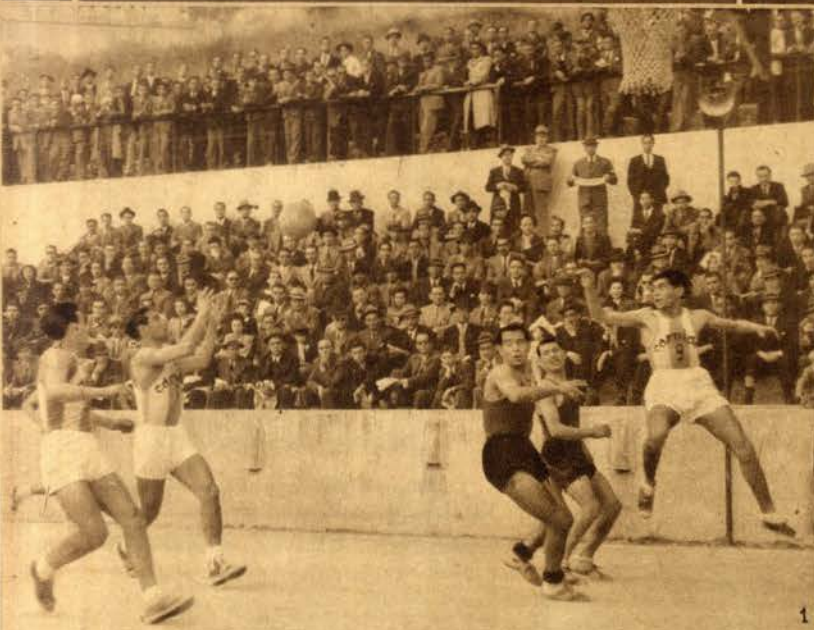
A equipa do Gimnásio era fraca, mas podia aspirar a algo mais. Nogueira conseguiu totalizar o melhor resultado, apesar da irregularidade com que se exhibiu; A. Barreto, a lançar-se por vezes em condições... súbidas tinha contudo o dever de fazer mais e melhor; e J. Vinha, mesmo considerando que não dedica à prática da espada o entusiasmo que o fez bom florentista, também não desenvolveu o jogo em paralelo com os seus conhecimentos.

A representação da «Mocidade» não brilhou em harmonia com os louros colhidos noutros competições. Na equipa A, só Carlos Franco esteve aceitavelmente bem, apesar de dar a espaços certa sensação de pouco entusiasmo. Edmund Franco nem sempre foi feliz e Paiva e Pona exhibiu-se muito à quem do que vale. Na formação B, deve salientar-se a promessa de Mourão, um atirador de bom futuro, a cultivar; H. Rodrigues em toada indefinida e irregular; e A. Martins, revelando habilidade, nada pôde fazer. Era de facto o mais inexperiente de todos os atiradores que disputaram o torneio.

A título de curiosidade, damos os resultados individuais apurados: M. Neto, 10 vitórias, 3 derrotas e 2 encontros nulos; Melo e Castro, H. Santos e Carlos Franco, 10-5; F. Pereira, 9-5 e 1 N.; L. Retumba, E. Lino e A. Henriques, 9-6; C. Correia e J. Nogueira, 8-7; M. P. Silva, E. Franco e A. Barreto, 7-7 e 1 N.; J. Vinha e P. Pona, 5/10; H. Rodrigues e M. Mourão, 4/11; e A. Martins, 0/15.

AVELAR MACHADO

Campeonato Nacional de BASKETBALL



A beleza do «basket» focada no principal encontro da última semana, disputado entre o Carnide e o Conímbricense: 1 — Cruz esquiva a intercepção dos adversários e passa a bola a Amaral; 2 — Cruz evita um lançamento de Amaral, cometendo falta, que passou em claro para compensar a marcação de muitas outras que não existiram...; 3 — Bela atitude de Amaral num lançamento, com Carvalho em inútil tentativa de defesa; 4 — Belo momento da luta: Cruz e José disputam a bola com entusiástica energia

(foto Nunes de Almeida)